

ASSIGNATURAS  
 ANNO ... .. 20\$000  
 SEMESTRE ... .. 12\$000  
 —  
 Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)  
 OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

Se o governo pedir licença á Camara e ao Senado para processar os membros do Congresso, apanhados dentro da ratoeira do Codigo penal, como responsaveis pela bernarda, dará um magnifico exemplo de cordura, de sensatez aos desvelados amigos, em grande numero partidarios da victoria, que lhe suggerem violencias, excessivos rigores destoantes das suaves cordas harmoniosas das nossas tendencias, por ventura sentimentaes, como apregôam, mas effectivamente caracteristica do nosso aspecto de povo bom, inimigo de estardalhaços, de omnipotencias e tyrannias.

O governo procederá bem e lucrará não sair da Constituição, que é o invencível reducto dos governos honestos e patriotas.

E' curioso signalar que quasi todos esses ferrabrazes, zelosos pela tranquillidade da Republica, pelo radicamento das instituições, são devedores de muita gratidão ao sentimentalismo piégas, a essa tolice do perdão, cujos effectos suaves, restauradores, elles esperimentaram em dias de um tenebroso passado, ainda vivo, e tão proximo, que lhe podemos tocar nas cicatrizes dolorosas.

Não é possivel que a amnistia tenha extirpado das consciencias, os callos dos crimes ou das estroinices politicas, perpetradas com circumstancias de vandalismo, ou na illusão de um patriotismo desorientado, como esse que andou perturbando a paz do abençoado Rio de Janeiro. Não se arranca um remorso como um dente cariado, nem se varre da memoria a importuna reminiscencia dos factos de hontem; nem o passado deixará de governar o presente para servir interesses de occasião. E por isso o povo, — que pensa, que tem o que perder, que ama a Republica sem mira em recompensas, em collocações de relevo no scenario politico — não acredita na sinceridade dos conselheiros do rigor a ferro e fogo para anniquillar, de vez, a enfezada raça dos rebeldes.

Sendo conselheiro, o presidente da Republica não precisa de conselhos, mórmente quando elles tresandam ao

bodúm da cobardia ou ao bolôr do engrossamento: elles entram por um dos augustos ouvidos de s. ex. e saem pelo outro, sem lhe alterarem a calma, sem lhe abalarem as bases do criterio para orientar a sua acção benefica nas luminosas avenidas da lei.

A trebusana, com a utilidade que vem no âmago de todas as desgraças, depurou a atmospheria; e o primeiro magistrado da nação descortinou, nitidamente, todos os recessos, os mais proximos e os mais remotos do meio de apparencias que o cercava; assim viu a verdadeira face dos amigos desmascarados na hora suprema do perigo. S. ex., com um sorriso ironico, contou os que, naquelle tragico instante, estavam ao seu lado formando uma barreira de dedicações impavidas, mas não pôde tomar nota dos que occorram depois, com as almas desbordantes de entusiasmo, entôando hymnos á victoria: os outros erão poucos; estes são legião nas manifestações destoantes da dolorosa impressão, que os acontecimentos esculpiram nos corações bem formados.

O caminho traçado pelo dever é o desbravado pela lei e o governo deverá segui-lo, sem hesitação, para corresponder á confiança nacional, que o ampara nesta crise lamentavel.

\*  
\* \*

### EXTERIOR

#### A Guerra

Os dois exercitos se mantêm em incommodo contacto, preparando os seus quartéis de inverno ou pensando nelles, nas defezas contra o frio terrivel, a roupa e combustivel, porque não se pôde ainda prever qual dos dois invernará em Mukden; se Kuropatikine, resistindo ás contínuas escaramuças de Oyama, até que a temperatura immobilise os adversarios; se os japonezes, na hypothese de adoptarem os russos o plano de recuo até Karbine, na impossibilidade da provisão de recursos e reforços sufficientes para uma victoria, não decisiva, pelo menos bastante estrondosa para se rehabilitarem dos contínuos e pavorosos desastres.

A inactividade prolongada importa cruéis prejuizos aos belligerantes. Emquanto adiam indeterminadamente a grande batalha, a expectativa, sem o ardor, sem as vibrações estimulantes dos combates, váe custando caro: em doze dias — de 20 de outubro a 2 de novembro — o exercito russo perdeu, mortos, extraviados e feridos, 32.154 homens, figurando nesse algarismo 943 officiaes.

Um mez de inactividade com perdas proporcionaes; abrirá vastos claros nas fileiras, claros difficeis de preencher porque o trafego do transiberiano é muito prejudicado pelos

rigores da estação. Essa demora, em que os dias se contam por milhões gastos, de lado a lado, prolonga-se sem resultados apreciaveis.

As despesas militares dos seis mezes de campanha montam, para o Japão, em cerca de 142,634,400 dollars, conforme um calculo muito autorisado de correspondente americano, e para a Russia, de accordo com os dados, de procedencia franceza..... 1,097,167,500 francos. Leroy Beaulieu estima em cinco milhares de francos, o custo da guerra, se durar um anno.

Adicionando a essas colossaes despesas, a irreparavel perda de vidas, e de invalidos, ter-se-á uma idéa nitida do absurdo dessa campanha, cujos intuitos o povo russo não comprehendeu ainda, pois são muito problematicas as preconizadas vantagens de manter no Pacifico a *porta-aberta* em casa alheia, no territorio chinéz.

Os pacifistas têm, na estatistica dessa guerra, dados eloquentes para a sua propaganda humanitaria.

POJUCAN

## A LINHA NEGRA

### Reminiscencias de campanha

Não se sabe quem lhe deu o nome sinistro.

Passaram perto de quarenta annos, e a maior parte dos que lá estiveram desapareceu para sempre; mas, aquelle nome ficou e celebrisou-se.

Não era escura. Ao contrario, havia allí muita claridade — de dia e de noite. De dia, os raios do sol dardejavam através da folhagem rarefeita dos cimos da matta, cortada, em todos os sentidos de picadas abertas, a machado e alargadas á bala. A' noite, não se accendiam fogueiras; fazia-se fogo, na ala de apoio, em fundos buracos. Quando alguém queria fumar, não riscava phosphoros, batia o isqueiro: todo o clarão allumiava o caminho da morte.

Era, entretanto, bem clara a famosa linha negra: illuminava-a o relampaguear tormentoso do tiroteio, que nunca cessava. Talvez lhe tivessem dado o nome de negra, porque negro é o lucto; e, allí, muito se morria. Era a secção mais perigosa das avançadas do exercito.

Em 1866, foi assim denominada pelos soldados, em sua linguagem pittoresca, a picada aberta na matta do Potreiro Pires, defronte das posições paraguayas do Sauce. Ia desde a lagôa Pires até á *bocaina*, onde Jeronymo Jardim construiu uma trincheira, que conservou o seu nome, já

então distincto. Para a direita, chegava á bateria dos Morteiros, que era quasi tão mortifera quanto ella.

Estavam alli destacados alguns rapazes da artilharia—o Girard, o Graça e outros, que moravam em ranchos cobertos de palha, bastante pittorescos e, sobretudo, muito arejados e claros, porque o ar circulava, livremente, através das paredes de taipa, rendilhadas pelas balas, e os raios do sol penetravam em grandes feixes irisados pelas frestas abertas pelos estilhaços das enormes granadas da *vovó*, que não dormia.

Além, para a direita, jazia o campo cheio de banhados, lagôas e macegaes, cortado de redentes, reductos e longas linhas alternadas terminando do lado dos argentinos em caudas de andorinha.

De vez em quando, marcavam-nos uns montões de ossadas humanas meio carbonisadas, restos dos paraguayos de 24 de maio, tantos que não podendo ser enterrados, foram amontoados em grandes pilhas e cremados. Aqui e alli, um cavallo resequido, com os beiços repuchados, com os dentes arreganhados, como os do corcél da estatua de Tamerlão, de Jérôme, aspirando as emanações hediondas das batalhas. Ao lado, uma caveira com barretina de sóla, ou um farrapo de *bichará*, envolvendo vertebrae e tibias, ou um *bogó* de coiro crú, muito duro e encarquilhado, com a guasca retorcida, apertando um homoplata.

A' esquerda, no recesso da matta tetrica, testemunha de muitos gemidos, de muito estertor, de muitos actos de heroismo, estendia-se a linha da morte, a linha luctuosa, a Linha Negra.

Alli se representavam diariamente, a cada hora, as scenas mais interessantes daquelle drama pungente do exterminio de homens que nem se conheciam. Não havia um dia em que aquelle sólo tragico não fosse tincto pelo sangue de muitos brazileiros: officiaes e soldados pagavam alli, á porfia, o tributo da vida á patria amada.

Quando a linha se rendia, recrudescia, sempre, o tiroteio, e cahiam bravos, amigos, camaradas cheios de esperança. Se algum official se distrahia e deixava arrastar a espada, cahia ferido ou morto: o ruido o denunciava.

Quantas vezes camaradas de rancho, agrupando-se despreoccupados em torno da *boia* ingrata, do magro ferido, erão interrompidos por uma bala que virava, enchia de terra o prato do pirão, ou derribava um dos convivas.

Havia atiradores paraguayos que nos alvejavam de cima das arvores, occultos nos galhos frondosos.

A picada era larga; tinha, se bem recordo, uns oito metros, e chegava-se a ella por uma estrada aberta pelo

batalhão do Tiburcio, meu commandante querido, immortal.

A' esquerda, estava a Trincheirinha, de triste nomeada, feita de saccos de areia com muitas setteiras, por onde as nossas vedêtas vigiavam o inimigo, á falla; por onde penetravam tambem balas que lhes vasavam os olhos, ou despedaçavam os craneos.

A' esquerda da Trincheira, estava a lagôa Pires, vasta, funda e cheia de juncos, tendo na margem ipés gigantescos, onde trez homens davam uma vedêta; á direita as *Chapas de Ferro*, abrigando uma sentinella deitada de barriga no chão; o resto da picada, cerca de seiscentos metros, era guarnecido, de dez em dez passos, por grupos de trez soldados, mettidos em cóvas de metro e meio de diametro e pouco menos de fundo, onde um velava, sempre attento, o inimigo; tão visinho que o ouviamos conversar, em voz baixa, no seu idioma guttural.

Quando a noite era tormentosa, um delles mais audaz, deslizando como uma cobra, calado, subtil, sem quebrar um gravêto, nem estalar uma junta, surprehendia, com um golpe de espada ou de bayoneta, uma vedêta brazileira meio adormecida.

O somno é tão exigente e o serviço andava tão apertado.

Outras vezes, a sentinella era um sertanejo, habituado á *espera* das onças e dos veados; recebia o paraguay astuto com um tiro á queima-roupa. Ouvia-se a detonação, um grito, um ai de agonia e o estrebuchar de um corpo. Quando clareava o dia, se a victima vivia ainda, o filho do sertão dava-lhe toda a agua fresca do cantil para lhe matar a sede. O sangue perdido faz a bocca tão secca! Não estava mais, alli, um inimigo: era um homem que soffria, compungindo o coração generoso e bom do nosso soldado.

Naquelle tempo, abaixarmo-nos quando vinha roncando uma granada, ou occultarmo-nos atraz de obstaculos, quando o inimigo apparecia, era uma vergonha. Hoje, dizem os tacticos, é preciso matar ao abrigo da morte: é mais util.

A guerra é um corolario de absurdos, qual mais barbaro, qual mais monstruoso; parece, entretanto, ter attracções e, até, encantos para o homem. Está, infelizmente, muito longe a bella visão dos pacifistas, a homogeneidade da consciencia planetaria e a inviolabilidade da vida pela victoria do altruismo. Bem longe está: a intelligencia humana despede lampejos geniaes e faz prodigios de energia, quando se trata de destruir o proximo. O santo Tolstoï, verdadeiro discipulo de Jesus, váe pregando em vão.

Nós já estávamos habituados áquella vida, ouvindo tiroteiar a cada instante, comendo debaixo de balas e

dormindo embalados pelo canto das granadas de 68 e pelo tilintar das bombas dos morteiros, que explodiam no meio de nossos acampamentos; rasgavam as nossas barracas e furavam os nossos travesseiros. Já nos era indifferente a morte. Ninguem acariciava mais a doirada chiméra de rever a terra abençoada da patria. As nossas saudades eram como flores fanadas, sem o viço da esperança. Contávamos ficar alli, dormindo para sempre naquelles estêros e macegaes desolados, com os amigos e camaradas, que viamos, a cada hora, cahirem.

O Tiburcio, quando ao 16º competia o serviço na Linha Negra, entrava na matta a cavallo, de bandeira desfraldada e musica á frente do batalhão, rendendo o outro com todas as formalidades. Era, ainda, major. Os galões novos lhe reluziam na farda de artilheria. A sua voz era um tanto rouca, mas energica, fulminante, rapida. Quando mandava — *firme!* . . nenhuma pestana se movia sobre os olhos dos soldados fascinados.

Chovia sobre elle e sobre todos nós uma saraivada de balas, que passavam silvando, gemendo como gente, miando como gatos, cantando como passaros em gorgeios e trinados; umas, roucas; outras aflautadas; algumas, fanhosas, ligeiras, cortando os ares com sons provocadores, sons de latego; ou lentas, vagarosas como um ai que váe morrendo. O commandante era ou parecia invulneravel; examinava; via tudo com impassivel calma; corria os piquetes; rondava em pessoa e dava ordens, como quem as sabia dar e queria que fossem cumpridas religiosamente, ou melhor—militarmente. Tinha por elle entusiasmo, fanatismo quasi, pois fôra elle quem dera vida e fama ao nosso glorioso *Dezeséis*.

\* \*

Um dia, estávamos de linha; — as nossas vedêtas na orla da matta; nós, no campo a-peito descoberto; os paraguayos de dentro do bosque, abrigados, nos fuzilavam á vontade. Entendeu-se com o commandante da divisão, o general Argollo, que foi depois visconde de Itaparica; avançamos, fizemos o inimigo recuar e, alli, ficámos. Desde então estabeleceu-se a Linha Negra, que não avançou, nem recuou: ficou onde Tiburcio a estendêra.

Faxinas do batalhão de engenheiro abriram *bocas de lobo*, onde os homens se abrigavam; fizeram *espaldões* para a força de apoio, e trincheiras de saccos de areia para os piquetes mais perigosos. Os soldados da divisão os ajudaram em alguns dias de actividade.

O Senna Madureira, assistente da brigada do d. José, gostava de nos visitar nas avançadas.

Era muito temerario. Na Trinchei-

rinha da esquerda, subiu, de uma feita, ao parapeito; e, sob um chuveiro de balas, empunhou uma corneta e gritou: — Olá, paraguayos, ouçam como berra a mulher do Lopez. Levou ao labios o instrumento; ia tocar, mas o som não sahiu: uma bala no meio da testa atirou-o a fio comprido no terra-pleno. Corremos todos: estava vivo; tornou a si e sorriu—Não foi ainda desta—disse.

Brincava-se com a morte.

O general Argollo ia, em pessoa, collocar sentinellas nos pontos mais arriscados, como quem praticava, caprichosamente, esses actos de temeridade. Nas *Chapas de ferro*, o lugar fatal, parou um dia para examinar não sei quê. Dalli nada podia ver senão a matta cheia de mysterios; cada arvore escondendo um homem que nos espreitava. Havia, no seu estado-maior, tres rapazes distinctos: os dous Argollos, seus primos — o Paulo, morto gloriosamente em Itororó e o Chico, que é hoje marechal; o terceiro era o Lustosa do Piahy— todos voluntarios da patria. Além destes, havia outros, notadamente um já maduro, de elevada estatura. Demorava-se o general, calmo e tranquillo, no lugar da morte, observando a matta. O grupo era um alvo excellente, de grande valor. Os paraguayos faziam um fogo tremendo. Uma bala passou zumbindo pelo ouvido do official mais alto, que, instinctivamente, se abaixou, erguendo-se, logo, revoltado contra aquelle movimento natural. O general fitou-o e disse mansamente com um sorriso singular: — Dou graças a Deus por me ter feito pequeno: não tenho necessidade de me abaixar.

Nesse momento, uma bala arrancou um pedaço de arvore a uma pollegada da sua cabeça.

A elle se podia, desassombradamente, confiara defeza de uma posição. Nunca vi chefe tão activo, cuidadoso e providente, tão meticoloso e de tão pouco dormir. Tinha a fama de ser maçante, mas era o melhor vigia do exercito.

Uma vez, na linha, dormia Tiburcio a somno solto, por ter velado até tarde. O dia vinha amanhecendo. Ouviu-se o toque de — 1.<sup>a</sup> divisão, sentido. Era o Argollo. O commandante tinha o somno leve, despertou e calçava-se ás pressas para recebê-lo. O general estava muito perto, com o alto chapéu de feltro, o sobretudo de panno piloto, que lhe cobria as grandes botas até o meio da perna, deixando apparecer a ponta da bainha da espada. Eram amigos; saúdaram-se affectuosamente. Um sabia o que o outro valia. Affectando seriedade, disse o general: Commandante, porque não dorme de botas?

— Porque— respondeu, rapido, o Tiburcio, perfilando-se— enquanto cal-

çar as botas, terei tempo de pensar no que vou fazer.

O general sorriu. Elle dormia sempre de botas e certamente sonhava com o que tinha de fazer. Se elle não pensava em outra coisa. Era official de artilheria e estudava muito. Gostava de fazer trincheiras e de dar regras aos officiaes de engenheiros sobre o traçado a adoptar. Ora, queria um redente, ora, uma luneta ou barrete de clerigo; e quando a obra era extensa, discutia com vantagem se devia ser uma frente abaluartada ou polygonal. Era exigente nos revestimentos e muito minucioso na execução dos fossos e parapeitos. As suas trincheiras erão primores de sapa.

Os soldados da 1.<sup>a</sup> divisão sabiam muito bem cortar abatizes; aguçarlhes as pontas, prendel-os com ganchos, cavar bôcas de lobo, collocarlhes estrêpes, cortar bellas leivas, construir plataformas e canhoneiras.

Uma vez, o illustre chefe da commissão de engenheiros, que era de genio assomado e facil de se encolerisar, já contrariado pelas repetidas exigencias do general, mandou-lhe, por um official, o seguinte recado:— A trincheira está prompta; v. ex. ordene qual deva ser o revestimento: se de varas ou pranchões, de taboas ou de moirões, de leivas ou de cestões, de coiros ou salsichões. —

O general ouviu impassivel aquelle capitulo rimado de fortificação passageira, e disse, muito calmo e muito serio, ao jovem official:— sr. tenente, diga ao senhor doutor (carregou nesta palavra) que póde revestir do que quizer, menos de pomada. E fez o tenente repetir a resposta algumas vezes e voltar ainda, depois de montado, para repetir de novo, afim de não esquecer.

Quando moço, portou-se com tanto arrojo na Revolução Praieira de 1848, que até o Deodoro, que tinha a bravura do Osorio e a intrepidez do Andrade Neves, lhe disse: Não serás jamais bom general:— falta-te calma. Esse conceito impressionou o jovem capitão, que quiz ser um bom general e foi dos melhores que temos tido. A sua calma admirava a todos; era estudada; era uma victoria disputada, tenazmente, ao temperamento fogoso. E por isso mesmo aquelle homem me parecia mais admiravel.

DIONYSIO CERQUEIRA

(Continúa)

## PAGINAS ESQUECIDAS

AOS MEDICOS

Um chapado, um retumbante  
Coriphêo de medicina  
Certa menina adorava,  
E adoeceu-lhe a menina.  
Eis para cural-a o chamam,  
Pela alta fama que tem:  
Geme o doctor, e responde:  
« Não vou que lhe quero bem. »

Lavrou chibante receita  
Um Doctor com todo o esmero;  
Era para certa moça,  
Que ficou san como um pero.  
« Tão cêdo! E' milagre. » (assenta  
A mãe, que de gosto chóra)  
— « Minha mãe, não é milagre,  
Deitei o remedio fóra. »

\* \* \*

Estando enfermo um poeta  
Foi visital-o um doctor,  
E em rigorosa dieta  
Logo, logo o mandou pôr.  
« Regule-se, coma pouco »  
Diz-lhe o medico eminente:  
« Ai senhor! (acode o louco)  
« Por isto é que estou doente »

\* \* \*

« In fide parochi attesto  
(Escrevia inchado cura)  
Que soffreu Lopo Forçura  
Da morte o golpe funesto.  
« Tal clareza não se achou  
« Dos obitos no registo;  
« Mas attesto-o por ter visto  
A receita que tomou. »

BOCAGE

\* \* \*

ARTHUR BARREIROS (\*)

Este sujeito escreve-me que tem uma excellente bengala de Petropolis com a qual me baterá, se eu fôr ao Brazil admirar os cerebros de tapioca. O mulato estava a brincar; elles tem a debilidade escangalhada do sangue espurio, escorrido das podridões das velhas colonias que de lá trouxeram á Europa a gafaria corrosiva; ás vezes excitam-se bastantemente com cerveja ordinaria, tem então impetos immoderados, dão guinchos, fazem caretas, coçam as barrigas, exigem banana, cabriolam se lhes atiram ananaz, e não fazem mal á gente branca.

Eu lá vou brevemente, resolvido a dar-lhe nozes e caçal-o no cabaço. Se me sahir um mono vulgar, pacifico, o *simia satyrus* de Cuvier, com o focinho proeminente, sem nadegas, sem unhas nos polegares dos pés; tenciono trazer-o commigo para me desferrar das despezas da viagem. Ha de chamar-se Simão Arthur, seu paidego! Hei de mostral-o na feira de Belem a pataco; para soldados e crianças vinte réis. Se me sahir feroz, de bochechas papudas, focinho longo e crista nas sobrance-lhas, emfim, um cynocephalo, então faço-o rebentar com tres pontapés d'um pujante carroceiro do Minho, e mando-o empalhar ao Justino de Jesus Caxias, da rua dos Invalidos. Ouvirei a opinião dos doutores Pereira Neves e Souza Lemos, medicos da policia. Se elles me disserem que o macaco, apezar de empalhado, fêde em viagem, limitar-me-hei a esfolal-o e trago a pelle. Se o sr. Paiva Raposo, que faz collecção de folles de quadrumanos ma-

(\*) *O Cancioneiro Alegre*, de C. Castello Branco. Rio de Janeiro, 1879 — Carta — 8 pags.



maes, não tiver a especie, dou-lh'a. Elle tem o macaco longimano (o *simia lar*); tem o cinzento (*simia cinera*); tem o chimpanzé (*simia troglodytes*); tem o saitaia do Pará, o mico, o marquinha do Maranhão, tem os variados monos patazes de nadegas callosas e cabeça chata; possúe com grande estima o papião, o mandril, o bugio pongo, os diversos macacões garibas de rugido medonho e tambor osseo na guela: falta-lhe o gorilha-Arthur, o *simia-asinus* de Buffon.

\*

Eu, antes de conhecer este mestiço, era da opinião de de Condolle, de Flourens, de Blainville, de Milne Edwards a respeito da immutabilidade de cada especie e da unidade objectiva. Não podia admittir Lamark resuscitado em Darwin, nem a theoria das gerações expontaneas do americano Hudson Tuttle, no *Arcana of nature or the history and laws of creation*. Figurava-se-me um paradoxo scientifico que o homem fosse um macaco aperfeiçoado. Parecia-me isso tão absurdo como poder sahir o boi da rã, e a aguia dos Alpes d'um badejo que se transformou em ave por se vêr embarçado nos arbustos da praia. Hoje abundo nas theorias que refuguei; creio que o homem é o macaco aperfeiçoado, excepto quando é a imperfeição do macaco. Esta segunda hypothese verifica-se quando Arthur faz esgares de bugio com a bengala de Petropolis através do Atlantico; porque nesse caso a sua imperfeição de mono está na tolice; que o macaco—sejamos justos—póde fazer acções deshonestas, lascivas; mas não é tolo. Arthur como macaco é imperfeito; está no penultimo avatar; ainda lhe falta uma ou duas transformações que o limpem. Como homem selvagem, Arthur, á parte o nome romantico que lhe deram na pia, devendo chamar-se Tujucane ou Jararaca, é um tapuia caápora degenerado. Elle já sente as mãos a fazerem-se-lhe pés, e os pollegares a separarem-se; o focinho vai gradualmente retrahindo-se, e o carão faz-se-lhe mais vertical; os sorrisos ainda não são caretas bem accentuadas; custa-lhe a ter-se verticalmente; faz dyspepsias de mandioca, sente impetos de trepar aos cajueiros, e faz trejeitos de querer enroskar o rabo em bengalas de Petropolis. Tal é elle.

Se o fulo mulato ainda tem algumas tradições grossologas dos velhos guinchos articulados dos seus antepassados, deve perceber a lingua tapuia. Eu preciso de lhe dizer duas cousas em resposta á sua carta; mas corre-me o dever de lh'as communícar em linguagem pouco sabida na Europa. Veja se entende:—*Indê gpê saravaia tapirá, turusu maranhave busapu. Taiassé, nhamim nhapunguará xenaxatupê.*

Assim se exprimia o seu decimo avô, o botucudo, pintado com rajadas de urucú e genipapo, e tinha batoque de páu no beijo e nas orelhas, e comia o tapy e os primos, nas pessôas dos macacos, mettido, com sua decima avó, nas folhudas choupanas da patiôba.

Traduza, e espere-me lá com a bengala de Petropolis, seu capoeira! Então o senhor realmente faz uso do páu? Isto, no Arthur, é chalaça: elle e os seus patricios usam do páu, mas é em farinha. Não batem com elle: comem-no. Farinha de páu é que elles teem no cerebro e nos ossos.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### A STÓVAINA

Occupam-se as gazetas scientificas da Europa, da stovaina, substancia que, injectada no canal vertebral, anesthesia, em blóco, nervos vindos dos membros ou do tronco, sem expor o doente aos accidentes do chlorotormio e dos outros anesthesicos empregados na cirurgia.

Sobre esta supposta conquista da sciencia, um notavel cirurgião francez emittiu em *Le Journal*, um parecer que será de grande interesse para os nossos leitores.

«Anesthesia significa insensibilisação, que póde ser local ou geral. A local é obtida pelo frio—gelo pilado e sal, pulverisação de ether, jactos de chlorureto de ethyla. A geral serve para as grandes operações, e para obtel-a é necessario amortecer os centros nervosos: é uma especie de envenenamento momentaneo, muito fugaz por ser produzido por substancias volateis. Donde se dedúz que todos os processos de suppressão momentanea da sensibilidade podem ser perigosos.

Os defeitos imputados á anesthesia geral provém de que todos os medicos diplomados podem empregal-o, mas, nem todos sabem fazel-o com prudencia e arte. O doente, adormecido até á perda da sensibilidade, fica numa situação muito proxima da morte. Augmentar a dóse de anesthesico, qualquer que ella seja, póde dar resultados fataes. As mortes subitas produzidas pelo chloroformio, no principio das inhalações, são devidas ao facto de se suffocar o paciente. E' preciso que este sinta suavemente o cheiro do chloroformio, que deve ser afastado immediatamente desde que se lhe oppõe violenta resistencia. Quando o doente é fraco e está adormecido, basta para matal-o que o chloroformisador desvie o olhar para a operação ou para o operador, continuando a derramar as gottas na mascara.

Como os trabalhos delicados, esse

da chloroformisação exige attenção ininterrupta. Nos casos de accidentes desse anesthesico, não ha um por cento, em que a morte não podesse ser evitada com mais attenção e prudencia.

O ether, preconizado pela escola de Lyon e pelos cirurgiões inglezes, não garante o doente da morte durante a anesthesia: elle provoca, muita vez, nos doentes fracos, broncho-pneumonias mortaes.

Como anesthesico geral, conhecem-se o protoxido de azoto—gaz hilariente dos dentistas, de effectos rapidos, e, todavia, não isento de perigo.

Imputam-se, sem fundamento, os accidentes a molestias do coração que, em máu estado, não impede o prolongamento da anesthesia por muito tempo e não predispõe á morte subita na primeira inhalação.

Empregou-se o bromureto de ethyla, anesthesico de curta duração, que torna o doente rôxo e fal-o beber como na etherisação. Mais recentemente, foram descobertas as propriedades do chlorureto de ethyla, como anesthesico geral, o mais fiel, o mais rapido e o menos perigoso, não produzindo no paciente a agonia da suffocação sendo empregado na dóse de dez grammas por dous minutos até que o doente fique insensivel, e administrando-se, então, pequenas doses de chloroformio e de ether.

Quer se trate de cocaína, da eucaína ou de um novo anesthesico analogo, como *stovaina*, a injecção delles no canal rachidiano sómente produz a anesthesia por uma acção sobre a medúla; ao passo que, aspirados os vapores do chloroformio ou do chlorureto de ethyla, elles são absorvidos pela mucosa pulmonar, e penetram o sangue, que os leva aos centros nervosos.

A cocaína, injectada no canal-rachidiano, a sua acção actúa onde ella se acha em contacto com a extremidade da medúla; e, por isso, esse processo não interessa sinão á parte inferior do corpo. Donde se póde deduzir que nenhum anesthesico local, injectado no canal local rachidiano, tem o privilegio da inocuidade, porque se não fôr toxico não produzirá effecto.

A rachicocaínisação foi abandonada, apesar dos encomios de seus partidarios, em consequencia de uma estatística desanimadora.

Não se deve dar valor a um anesthesico, que sómente insensibilisa a parte inferior do ventre e os membros inferiores. Muitas operações de appendicite ou de fibroma uterino, têm sido interrompidas por violentas dores do paciente, forçando o appello ao chloroformio.

Si a nova substancia apenas se applica aos membros inferiores, que são a parte do corpo onde menos se opera,

ella não é grande conquista da cirurgia.

Além disso, na rachicocainisação, se deve levar muito em conta o estado moral do doente tímido, que assiste á scena da operação, num caso de accidentes vulgares, numa hemorragia, a inquietação do cirurgião, apostrophando seus ajudantes. O paciente, embóra não sinta dôres, póde commover-se e o cirurgião não terá, então, a liberdade, indispensavel ao successo, para agir conforme a sua arte e a sua consciencia, como quando o doente está adormecido.

Quando o chlorureto de ethyla é bem administrado, e a anesthesía continúa no doente adormecido pelo emprego prudente do chloroformio, não ha perigo que temer.

A maior parte dos accidentes sob o chloroformio, são devidos a imprudencia, ou a impericia.

A essas considerações, convém acrescentar que a rachicocainisação, nos nossos hospitaes, não tem produzido resultados confirmadores de suas vantagens.

#### AFFECÇÕES CHRONICAS DA CABEÇA

O professor Armand Gautier apresentou á Academia de Medicina de Pariz, um engenhoso dispositivo com o qual o dr. Ostwal consegue submeter os olhos e outras partes da cabeça a banhos locais super-aquecidos, de muita efficacia em doencas chronicas, rheumaticas e outras, expondo as partes affectadas ao ar aquecido a 160° e 180°, tendo o cuidado de isolar as partes sãs.

Observou-se que o globo ocular póde supportar temperaturas muito elevadas, ao passo que as palpebras se irritam á acção das mais baixas.

Trata-se de um precioso recurso therapeutico para as ophtalmias, blepharites, keratites, iridochoroidites, nevralgias faciaes e sub-orbitarias.

#### UM CAVALLO INSTRUIDO

Uma commissão dos mais notaveis veterinarios de Berlim, fez um inquerito ácerca do cavallo Der Kluge Hans, que tem a faculdade de pensar. Seu possuidor, Hern von Osten, dedicando-se, ha quatorze annos, ao estudo do instincto dos animaes, verificou em um cavallo russo signaes evidentes de anormal intelligencia, e consagrou-lhe diariamente uma hora de ensino, com o mais assombroso successo, sob o methodo adoptado nas escolas elementares — pedra e giz, quadros e objectos para desenvolverem o sentido da côr, do olfacto, etc. O animal, actualmente, conta com precisão, somma, subtráe, multiplica e divide, e está se exercitando, agora, em fracções decimaes e regra de trez.

Esse cavallo phenomenal, candidato á celebridade, com maior direito que

os seus congeneres registados na historia — *Pégaso, Bucephalo, Incitatus* — respondeu, com bôa vontade e celeridade a todas as ordens dos peritos; decifrou escripta; conheceu o valor de cartas de jogar e de dinheiro, a hora exacta em um relógio e reconhece qualquer individuo, cuja photographia lhe seja anteriormente mostrada. Suas respostas são feitas, para dizer — *sim*, enclinando-se; para dizer — *não*, balançando a cabeça.

A's questões de arithmetica responde batendo com a pata direita no sólo, empregando a esquerda quando queria affirmar a resposta.

Em uma occasião, von Osten observou-lhe que elle se havia enganado contando 2 e 2 como 4, ao passo que o mestre achava 5; o cavallo impacientou-se e repetiu, vehemente, 4, batidos pelas duas patas. A pedido das pessoas presentes ao exame, elle indicou as palavras — cão, gato, janella, escriptas na pedra pelos peritos, do mesmo modo as côres, e as perguntas de quantas pessoas presentes usavam oculos, e indicou as senhoras que tinham chapéos verdes.

Para demonstrar que não havia fraude ou os artificios empregados no theatro em exhibições de animaes sabios, o cavallo ficou na sala com alguns officiaes de alta patente, e respondeu-lhes correctamente e com tamanha precisão que tendo um delles perguntado a hora mostrando-lhe uma moeda de oiro, elle não se deixou enganar.

Um millionario da America offereceu por Kluge Hans 150.000 marcos, que foram recusados.

Entre as pessoas presentes á experiencia, estavam o duque de Coburgo-Gotha e o conde Moltke, varios principes e ajudantes do Imperador e o ministro da Agricultura.

No jury de investigação, figuravam muitos scientistas de grande reputação — os professores Stumpf, Nagel, Messner, Richard Kandt — os quaes verificaram no phenomenal Kluge Hans, um desenvolvimento intellectual correspondente ao de um rapaz de treze annos.

#### THESOIROS IMMERSOS

Os esforços seculares, empregados por todos os povos para se apoderarem de thesoiros submergidos no mar, foram sempre inuteis; agora, porém, o italiano Cavaliere Pino váe experimentar aparelhos, compostos de um hydroscopio e um elevador, na pesca do oiro e da prata dos galeões, postos a pique na bahia de Vigo em 1702, no valor de vinte e oito milhões esterlinos. No contracto para esse fim celebrado, caberão ao governo hespanhol 20 % do thesoiro salvo.

O hydroscopio consiste em uma especie de sonda composta de tubos de

aço, como um telescopio ordinario, os quaes se vão estendendo para o fundo do mar até attingirem á profundidade desejada. Na ultima secção, estão as lentes, que permitem ao operador que desce por dentro, inspecionar o terreno submatino a longa distancia, com a mais perfeita nitidez.

O elevador é um aparelho simples. Consiste em atar grandes saccos flexiveis ao objecto submergido e injectar-lhes ar por meio de bombas poderosas, empregando tantas quantas sejam necessarias para trazer o objecto á superficie.

Taes são os aparelhos empregados para a pesca do thesoiro dos galeões do Mexico, na bahia de Vigo, pelo vapor *San Clemente*. Projecta-se utilisal-os para tirar do mar os coiraçados e outros navios de guerra, sacrificados na guerra actual, avaliados em vinte milhões esterlinos.

#### O JAPÃO

No palacio dos transportes, uma das mais curiosas secções da exposição de S. Luiz, occupa o centro uma carta em relevo do imperio do Japão, com a extensão de 40 metros.

Ha 50 annos, essa carta indicaria, apenas, verêdas trilhadas pelos irikishas e pastores semi-selvagens. Hoje, uma rêde de caminho de ferro, telegraphos e telephones cobre todo o paiz, onde a primeira linha telegraphica foi construida em 1852, sendo, actualmente, de 100.000 kilometros a rêde de communicações por esse systema.

Ha 20 annos, os camponezes fugiam apavorados ao ruido das primeiras locomotivas; hoje, attingem a 10.000 kilometros os caminhos de ferro, com 1.400 locomotivas, representando um capital de 320.000 contos, dando aos habitantes abundante e barato meio de transporte, no que excede o Japão aos paizes mais civilizados.

A carta em relevo tambem regista o desenvolvimento postal. Até 1880, erão somente conhecidos os correios por expresso ou por diligencias; hoje, ha 5.000 agencias postaes, manipulando 816 milhões de cartas e de correspondencia variada.

### O ALMIRANTE (8)

ROMANCE

POR

**Domingos Olympio**

CAPITULO V

Por uma coincidência propria, o Imperador, que era frequentador de mezas de exames nos institutos de ensino official, assitira a uma das provas do jovem Oscar Ferreira; e houve quem lhe ouvisse dizer ao ajudante de

campo que, "se o rapaz não bromasse, seria um homem notavel."

Realizou-se o vaticinio imperial. Oscar percorreu os cursos com brilhante destaque de sciencia e de caracter, meigo e energico, que lhe conquistára a sympathia dos camaradas e superiores, marinheiros zguerridos sob o commando de Tamandaré, Barroso e outros capitães heroicos, cheirando, ainda, á polvora do Riachuelo, Cuevas e Humaytá.

Naquella epoca, os jovens aspirantes veneravam esses vultos gloriosos, como uma lição viva de civismo, falavam da guerra como de uma façanha épica, cujas anedoctas, illuminadas com os tons maravilhosos de legenda, fixavam no cerebro e no coração da mocidade militar a historia ignorada da sangrenta campanha, os feitos de bravura dos humildes e dos desprotegidos, que não passaram á notoriedade pelo vehiculo fallacioso das partes officiaes, onde, ás vezes, se forjam benemeritos, que jamais experimentaram o susto de uma refréga. Diante daquelles moços estavam, como attestados eloquentes, as cicatrizes dos navios, varados de balas, a prôa do *Amazonas*, a mastreação esguia, elegante dos invenciveis navios de madeira, o costado rijo das pequenas canhoneiras, dos monitores embiocados como tartarugas nas suas coirças, toda aquella esquadra involvidavel, que pelejava, durante cinco annos, longe dos arsenaes, sem base de operações, improvisando recursos, inventando meios de conservação e navegando rios suspeitos que por tradicional negligencia o nosso almirantado jamais sondára. A esses cascos desmantelados, já condemnados como veteranos invalidos, atrazados dos progressos da sciencia deixa, o Brazil a sua posição preponderante na America do Sul, como arbitro da paz, dominando as irriquetas republicas visinhas com uma politica de paz e prosperidade, talvez demasiada, desinteressada e sentimental.

Quando Oscar, numa correcção impecavel de militar, harmonisada com a elegancia das maneiras de adolescente em plena florescencia de força disciplinada e proficua, se apresentou com os seus galões de segundo-tenente, o Imperador o mediu de alto a baixo e murmurou com um sorriso de paternal carinho:

— Sim senhor. Que bello almirante.

E voltando-se para Guilhermina, a estostrar de ternura com esse meigo orgulho das mãos lisonjeadas, accrescentou:

— Dou-lhe parabens, senhora baroneza, pelo guapo soldado que deu á patria.

Desde então, Oscar ficou conhecido pela honrosa alcunha de Almirante.

O Imperador o disséra; os jornaes

levaram o caso á publicidade; e, como palavra de rei não volta atrás, os comensaes dos Uberabas, os camaradas e, por chacota, os superiores deixaram de lhe chamar Ferreirinha, que era o appellido na escola. Era uma questão de tempo, a confirmação do que reputavam uma solemne promessa imperial. Caíra em graça; o monarcha sympathisára com elle: isto bastava para lhe assegurar rapida carreira, não contando o incontestavel merito, a influencia politica e as preciosas relações sociaes dos paes adoptivos.

Além disso o conselheiro Antonino estava no paço a relembra-lo com precavidos encomios e com o zelo que teria por um filho e tão solícito, que a maledicencia o attribuia a interesses de familia, como fosse o de casar o jovem marinheiro com Amelia, a primogenita do Conselheiro.

Vieram as promoções, umas sobre outras, de sorte que, quando foi Deus servido chamar á sua santa gloria, o benemerito marquez de Uberaba, Oscar estava nos mares asiaticos como capitão-tenente.

A sua auzencia augmentou o pezo do lucto da formosa viuva. Elle seria, naquella transe, ao lado della, unica pessoa da familia e filho querido, o anjo da consolação; seria seu companheiro de exilio, nos dias monotonos, nas noites tetricas, que ella passava na fazenda ouvindo o Gião dar contas minuciosas dos negocios da administração, que ia mal, muito mal, depois da libertação dos escravos, homens feitos, de juizo assento, os melhores trabalhadores. Os fazendeiros visinhos, rara vez, appareciam para lhe mitigarem a tristeza.

As mucamas favoritas, crias de casa, estimadas como pessoa da familia, resmuneavam com insolencia: umas fugiram; outras tiveram o arrojo de lhe dizer, com desenvolta franqueza, que não recorrem á justiça para se libertarem por meio de arbitramento, pois não haviam de ficar captivas toda a vida, quando os paes e filhos são livres. Essa ingratidão, consecutiva á embriaguez de liberdade, proporcionada pelos aliciadores, que infestavam as fazendas, portadores do sopro anarchico da propaganda abolicianista, victoriosa nas provincias do norte, como se nenhum laço de affecto, de reconhecimento, prendesse os escravos aos senhores, mesmo áqueiles de jugo suave, magoava, profundamente, o coração da marquez, que não comprehendia o instincto e subita represalia da raça opprimida, sequiosa de fruir sem commedimento todas as consequencias da posse de si mesma.

Foi com lagrimas que ella soube que a Joanna morava na villa proxima com casa posta, e luxava como qualquer moça branca, tendo como

criada a Maria Pequena, retinta creolinha, abeirando aos dezeseite annos. A Virgília, sua cosinheira de tão bom paladar, tão cuidadosa em lhe preparar saborosos quitutes, negra velha, que parecia ajuizada, tambem deixára a casa para se alugar em uma fazenda visinha. E porque ella abolira o açoite, os moleques, que não viviam na calçaria das vendas, somente obedeciam urgidos pela fome; tornaram-se incapazes, inuteis, incapazes dos mais leves serviços. Os negros, homens feitos e robustos, estavam recorrendo ao arbitramento por vil preço homologado pela clemencia de magistrados abolicionistas. Preferiam a vida de tropeiros, de operarios, trabalhos mais fatigante que os da bôa e meiga senhora, á permanencia no sitio maldito, onde haviam penado os seus antepassados, onde, em quartos escuros, elles viam ainda os troncos, os instrumentos de supplicio, apontados pelos pretos velhos, invalidos, como vestigio afrontoso de ignominia, de castigos que lhes foram inflingidos.

Ouvindo-lhe a lastima da ingratidão da subversão da escravatura, Gião, sorria ironico, ponderando-lhe.

— Ahi tem, vossa encellencia, em que deram a sua bondade, a falta de castigo. Quando eu lhe dizia que essa gente não tem alma, que esses negros são brutos, como bestas de cargas, eu era um homem sem coração, era um carrasco a surrar sem piedade os pobresinhos. Que é dos moleques, companheiros de estrepolias do Almirante? Veja se reconheceram o bem que lhes fez?

Esta gente é uma cambada de mal-agradecidos, minha rica senhora. E as mulatas, as raparigas que vossa encellencia creou como filhas? Despencadas todas pelo mundo, muitas desgraçadas, comendo o pão que o demonio amassou, numa miseria de metter dó, preferem tudo a viverem aqui num trabalhinho de perna ás costas. Ainda ha poucos dias encontrei a Balbina, aquella peça de primeira ordem alforriada pelo maluco do açougueiro da villa, num bebedeira que se não podia lambar, de trôça com os soldados do destacamento. E' uma pena, um máu exemplo, que está sendo a desgraça de escravos e senhores. Mas... sua alma sua palma. Preferem a desgraça, a ficarem em casa dos senhores, fingindo de escravos, porque isso de captiveiro já lá vae, com cama e meza, roupa lavada, medico e botica. E pensar que o defunto, senhor marquez, que Deus haja, concorre para essa doidice, alforriando os melhores escravos da fazenda.

O governo está com o juizo a premio, tolerando isso que se está fazendo, essa pragá de alforrarias por dez reis de mel coado e alforriando os velhos.

Não pensa no mal que está fazendo.



á terra. E já está tendo a paga : toda a gente, que tem o que perder e que se vê roubada da sua propriedade, da noite para o dia, só não chama o governo de santo.

E' um descontentamento que já parece um levante que rebentará se, como dizem, forem libertados todos os escravos. Não é para menos, ver as fazendas privadas de braços, cafezaes no matto, a herva de passarinho matando as plantas, tudo abandonado... E' de metter raiva e dó ao mesmo tempo. Ainda cá por casa, ha meia duzia de pretos que vão atamancando, nas outras fazendas... é uma desgraça

Se isso continuar assim, póde-se dizer adeus ás safras e comer o ganhado até quando Deus fôr servido...

A marquezia sentia que Gião apreciava com muita sensatez a situação da lavoira, mas não concordava com as suas idéas pessimistas acerca das consequencias da libertação, e continuava a sustentar que a emancipação do elemento servil seria um dever nacional, uma medida altamente humanitaria, fossem, embora desastrosos para as classes productoras. Se os escravos fugissem do trabalho, abandonassem as plantações, procurassem os fazendeiros braços livres que os substituissem, promovessem o povoamento, a cultura aperfeiçoada da terra e seriam, largamente, compensados, porque o trabalho livre produziria, incomparavelmente, mais que o escravo, além da influencia benéfica que a imigração exerceria como elemento ethnico no melhoramento da raça. Era essa a linguagem dos abolicionistas, dos economistas que discutiam, com vehemente ardor, o problema, no parlamento, na imprensa e nos comícios populares.

Os fazendeiros estavam agrilhoados á rotina de absurdos e caducos processos de cultura e administração. Era imprescindível que elles, muitas das quaes não empregavam ainda o arado, instrumento prehistorico, adoptassem novos meios de accordo com as idéas victoriosas pelas conquistas scientificas, como a reparação das terras exaustas, a cultura intensiva, o emprego de machinas que augmentassem e poupassem o esforço muscular do operario, restaurassem a polycultura para evitar os perigos de confiar a fortuna publica e particular, exclusivamente ao café ; promover a selecção das especies de gados pela introdução de procreadores mais perfeitos, e, como cupola de todo esse trabalho de reconstrucção idéal, a fundação de escolas para instrucção do trabalhador, de institutos bancarios destinados a formentar o desenvolvimento agricola, caixas economicas, estabelecimentos de amparo á orphandade e á invalidez e reorganisação do regimen legal da propriedade territorial com

providencias efficazes de garantias reciprocas nos contratos de locação de serviços.

A maioria, a grande maioria de fazendeiros—agricultores e criadores— não penetrava a essencia dessa reforma, admiravelmente complexa, ou muito complicada para as suas broncas intelligencias. Não concebia como seria possivel fazer tanta coisa, uma verdadeira revolução de seus habitos e idéas, nem atinavam donde viria o dinheiro para tamanha trapalhada. O que elles sentiam e comprehendiam era a pura realidade de superficie escabrosa, desolada. Nem era preciso ter grande perspicacia para apprehender, em toda a intensidade assustadora, o futuro que se lhes antolhava em consequencia dessa reviravolta de costumes de ricos indolentes, criados na abundancia, de que o negro era essencial factor.

A marquezia, apesar dos protestos reverentes de Gião, adversario de innovações perigosas, emprehendêra o exemplo de revolta contra a rotina. Não calculára com precisão as consequencias da arrojada ventura, nem visára outras vantagens que não fossem uma propaganda benéfica das idéas novas : encontrava nisso uma consoladora distracção para o seu espirito solitario e ocioso.

Da concepção á execução do seu vasto plano, não houve hesitação nem desfallecimento. Era rica bastante para supportar, sem abalo de sua immensa fortuna, todos os assaltos do imprevisto.

(Continúa)

## MISERIA E CRIME

### II

A *extrema necessidade* ou o *estado de necessidade* ainda não constitúe, a bem dizer, uma situação perfeitamente juridica, a manifestação de um "direito formal" — perante qualquer código moderno. A esse proposito, a licção mais aproveitavel nos vem de autores allemães, compendiados por Franz von Liszt e por seu traductor brasileiro, o dr. José Hygino, de radiante e saudosa memoria.

Mesmo no caso supremo do *furto por fome*, códigos e doutrina não querem justificá-lo como simples manifestação do direito á vida. Essa moeda ainda não é corrente, não tem curso na lei e na generalidade dos autores.

Principiemos definição do estado de necessidade, tal como se o comprehende modernamente. E' uma situação em que o agente para salvar um bem, compromette ou lesa outro bem; ou antes: um estado de cousas de tal natureza que leva á pratica de um acto

delictuoso para a salva-guarda de um bem, que sem isso se perderia. Não ha, ahi, segundo a theoria legal vigente, o traço de um direito, o sánete da sancção juridica.

O acto derivante do "estado de necessidade" não passa de um caso de tolerancia legal; alguma cousa parecida com a exposiçáo duma criança em roda de expostos. A lei não aconselha, nem sanciona, tolera. E' assim que doutrina von Liszt:

«O legislador não prohibe a acção que não quer punir; limita-se aqui, como em outros casos, a ter em conta a brutalidade dos factos; tolera o que não póde modificar; regula o que se vê forçada a tolerar.»

Não confere ao individuo que corre perigo um direito de necessidade, mas deixa-lhe o campo livre».

Entretanto, a aspiração humanitaria do penalista tudesco váe além dessa theoria, que é a dos códigos. Elle entende que se deveria considerar como conforme ao direito a situação em que o individuo delinquisse, estando em jogo a conservação de um interesse de maior valor e o de um interesse menos valioso; por exemplo: — *a vida contra a fortuna*. (*Tratado de Direito Penal Allemão*, vol. I, pags. 235-236).

A opinião de von Liszt é, com pequenas differenças, a dos seus compatriotas Berner, Geyer, Halscher Bindnig e outros.

Uma vez que iniciámos nosso humilde estudinho pelos autores allemães (a este respeito mais abundantes do que os francezes e italianos) — encetemos pelo Código Penal Allemão as citações de direito positivo.

O *estado de necessidade* está previsto no art. 54 do Código de 1871.

O artigo anterior se refere á legitima defesa.

Entende-se "estado de necessidade", por Direito Penal Allemão, a situação de perigo actual para a vida ou para a integridade do corpo, só podendo ser removida pela lesão de interesses licitos de outrem; pouco importando que essa situação tenha sido produzida por forças naturaes ou por actos de terceiros. Distingue-se esse *estado* do de legitima defesa, porque nelle não se trata de reagir contra «uma aggressão injusta por parte da criatura humana».

Temos presente um estudo tão resumido quão profundo do dr. Herman Suffert, professor de Direito Penal na Universidade de Bonn, onde se reconhece que o Código Allemão tratou magistralmente a legitima defesa, mas fixou insufficiente criterio para caracterisar o estado de necessidade. (*V Le Droit Criminel des E'tats Européens*, publicação da *União Internacional de Direito Penal*. ed. franc. de 1894, pag. 281).

— Depois da Allemanha, é natural

lembrar-se a França, que hoje, mais do que nunca, lhe disputa a hegemonia intellectual na Europa. O Código Penal Francez parece ter previsto o estado de necessidade no art. 64, que resa assim:

«Não ha crime nem delicto quando o accusado tenha estado em demencia na occasião do acto, ou quando tenha sido constringido por uma força á qual não pudesse resistir». (1)

Observou, a proposito, Felix Marchand, na sua obra já citada, que esse art. 64 define mais precisamente o estado de constringimento (*contrainte*), e não o "estado de necessidade". A distincção não é especiosa, nem difficil. O constringimento colloca o criminoso em face da violação da lei e o obriga a agir, só lhe deixando aberta uma verêda — aquella para a qual o impelle. A "necessidade" colloca, igualmente, o criminoso em face da violação da lei; só lhe abre, igualmente, um caminho; *mas deixa-lhe plena liberdade para abster-se e sacrificar o bem ameaçado ao respeito do bem alheio.*

O esfaimado que furta um pão bem pôde deixar de o fazer. Ha pessoas que morrem á mingua — como heróes da miseria!

— Garraud confunde os dois estados, cuja distincção apontámos, de accordo com Marchand.

A lei, diz elle, não ordena o heroismo; o art. 64 tanto se pôde applicar ao constringimento physico como ao moral (*Droit Criminel*, 1895, pag. 169).

A confusão feita pelo eminente professor, toda se divulga no ponto em que elle reconhece que "ha hypotheses em que o agente se acha sob o imperio de uma especie de necessidade, que lhe opprime a vontade ao ponto de não lhe deixar livre a escolha de uma solução mais moral do que a da conservação propria".

A vida está cheia — continúa elle — desses combates do dever, em que a vontade, que não é heroica, se curva ao peso das circumstancias.

Em todo caso, Garraud não accêta como *de direito* a situação do "constringido" que se apropria do bem alheio; seu acto é, apenas, toleravel, e por isso, só por isso, não é punivel, embóra cheio de criminalidade.

— O Código Penal Italiano estatuiu, no seu artigo 49, que não é punivel quem commette crime, estando constringido por necessidade de salvar-se ou a outrem de um perigo grave e im-

minente, contra a personalidade, ao qual não déra causa voluntariamente, e que por outra forma não se possa evitar.

Essa definição legal nos parece ser a mais perfeita. Foi commentando-a que Eugenio Pincherli se referiu, precisamente, á questão da *fome* considerada como *forza maggiore che sopprime la imputabilità d'ichi per conservare la vita s'appropria la cosa altrui*. A proposito, cita Pincherli o eminente chefe da « escola classica », Francisco Carrara, que admite a exclusão da pena quando o furto é determinado por extrema necessidade, não havendo ahi o fim de lucro e, sim, o supremo escopo de salvar a vida. Exige Pincherli, bem interpretando o art. 49, que o « constringido » pela fome, antes de attentar contra a propriedade, haja empregado infructiferamente outros meios, taes como o pedido de trabalho e o de esmola.

Levanta, tambem, a delicadissima questão da « causa da necessidade », concluindo pela recommendação, feita ao juiz, no sentido de attenuar a pena ou illidil-a, conforme o accusado tenha ou não culpa da sua situação miseranda. (IL CODICE PENALE ITALIANO ANNOTATO, 1890, pag. 79).

Florian cita um accordam da Côrte de Cassação italiana, referente a um crime colectivo commettido em estado de necessidade, que foi reconhecido. A multidão faminta tinha impedido a exportação do trigo, que enchia os armazens duma cidade, empregando para isso violencias e ameaças. (V TRATTATO DI DIRITTO PENALE por Florian, Pozzolini, Zerboglio e Viazzi, vol. I, pag. 231).

— Por Direito Penal Belga, o estado de necessidade é uma causa de justificação subjectiva, prevista no art. 71. Adolpho Prins observa que não ha um *direito geral de necessidade*; mas, sim, um simples *estado*, uma *situação*.

A definição dada por Adolpho Prins váe além dessa theoria strictamente legal. Vê-se que elle não está longe de von Liszt, de quem, aliás, foi o mais prestimoso collaborador na União Internacional de Direito Penal. Eis a definição:

« Estado de necessidade é aquelle em que a salvaguarda de um *direito* ou de um bem demanda a execução de um acto propriamente criminoso ».

E accrescenta:

« O acto é necessario quando salva um *direito* ou um bem que por outra forma não poderia salvar-se ».

Mais adiante aborda a questão que particularmente motivou estas observações. « Aquelle que, para se salvar da inanição, ou a seus pais, ou á sua mulher, ou a seus filhos, se apropria

de viveres que lhe não pertencem, entende-se agir em estado de necessidade ». Em nota, Ad. Prins cita a já aqui bem lembrada monographia de Moriand e aponta o julgado do juiz Magnaud relativo á pobre mulher que furtou um pão. (Dal-o-hemos na integra, acompanhado dos seus precedentes e consequentes).

— E' tempo de abrir espaço para o direito penal nosso. Começemos do passado, pois é sempre agradável ao nosso espirito associar o methodo historico ao comparativo.

No velho reino de que herdámos a lingua e a civilização, por uma lei de 1251, reinando d. Affonso III, o *Bolonhez*, se permittiu ao viajante, quando caminhasse terras despovoadas e estivesse desprovido de recursos, apropriar-se, mesmo com violencia, dos bens necessarios á conservação da vida. Outros casos de extrema necessidade, admittida como justificativa, foram previstos na Ord. do L. V, sendo de destacar-se o do Tit. 107, § 10 e 12, que os commentadores inscrevem sob a epigraphe: « necessidade extrema faz lei ».

No nosso Código Criminal de 1830, o constringimento (*contrainte* — dos francezes) foi satisfatoriamente separado do estado de necessidade.

O primeiro constituia uma circumstancia dirimente da criminalidade, prevista no art. 10, § 3°. O segundo valia como circumstancia justificativa, figurando no § 1° do art. 14.

O dr. Thomaz Alves entendeu, a nosso vêr erradamente, que o caso do furto por fome se enquadrava na dirimente da famosa *força irresistivel* (art. 10, § 3°).

Temos para nós que a situação seria justificavel em face do § 1° do art. 14 — crime commettido para evitar mal maior.

No Código Penal vigente, a disposição a applicar-se, na falta doutra, deve ser, precisamente, a do § 1° do art. 32, que corresponde ao ultimo dispositivo citado.

Quer o Código, nessa hypothese, que, ao evitar-se o mal maior, concorram as tres segintes condições: certeza desse mal que se propoz evitar; falta absoluta de outro meio menos prejudicial; probabilidade da efficacia do meio que for empregado (art. 33).

Conforme judiciosamente observou o dr. José Hygino, o conceito do nosso código não tem a largueza precisa para abranger, por completo, o estado de necessidade.

Falla o legislador em « evitar mal maior ». Incorre, portanto, em pena quem pratica crime para evitar *mal igual*.

Aqui vem a talho de fouce o exemplo, que é classico no assumpto: — o do naufrago que, em lucta com as ondas,

(1) Millerand, de accordo com o presidente Magnaud, propoz á Camara dos Deputados, a reforma de te art. 64, melhor definindo o "estado de necessidade". Na França, porém, succede como aqui: — todo projecto que contem uma idéa verdadeiramente util e aproveitavel é preterido pelas discussões de interesses pessoas e pelas tricas da politicagem.



arrebata a outro, nas mesmas condições, a taboa da salvação. Evita-se, no caso, um mal igual. Força é convir, porém, que, separando o « constrangimento » do « estado de necessidade », os codigos brasileiros abriram largo espaço á defesa jurídica do que furta por fome. Colocado o estado de necessidade ao lado do de legitima defesa — já se esboça ( não ha duvida ) a idéa de um direito.

No projecto do futuro Codigo Penal, tal como apparece na ultima redacção da Camara dos Deputados, o caso de extrema necessidade foi definido pelo art. 27 ( n.º III ). Não será punido, segundo esta disposição, « aquelle que tiver sido constrangido pela necessidade de salvar a si ou a outrem de um perigo actual, a que não déra causa, e que de outro modo não podia ser evitado ».

A definição legal nos parece das mais felizes, podendo amparar, sem esforço interpretativo, o pobre levado ao crime por coacção da miseria extrema e desvalida.

A significação do acto praticado pelo furtador, nas condições indicadas, é que precisa ser firmada de accordo com os principios da solidariedade humana, tão bem comprehendidos pelo juiz Magnaud.

Para nós, de pleno accordo com Felix Marchand, o acto necessario do que furta ou rouba *para não morrer de fome* é a expressão de um direito soberano.

Assim como, na legitima defeza, o individuo que mata *para não morrer* exerce uma justiça privada, em nome da sociedade que não pôde acudir a tempo ; assim como, no dizer de Fioretti, a legitima defeza tem o caracter de uma forma abreviada de juizo penal, cuja sentença é logo dada e executada ; assim como o individuo que age em legitima defesa representa um instrumento de *defesa social*; assim como num caso de perigo grave, injusto e inevitavel, e sociedade transfere ao individuo o direito de proteger-se directamente, repellindo a força pela força ; tambem o esfaimado a quem a sociedade não pôde soccorrer a tempo ; que não foi causa directa da sua propria miseria ; que não pôde evitar por qualquer fórma as tremendas amarguras da falta de alimentação ; que se vê assim atacado no seu direito á vida, tem em seu favor um *direito especial de expropriação*, tão legitimo como o outro, cujos caracteres e cuja significação esboçamos. Apenas não ha o aggressor injusto, contra o qual pessoal e precisamente deva ser dirigido o ataque. O *meio social*, todo elle, com suas imprevisões, com suas infamias, com suas miserias, é o culpado da situação em que se acha o desgraçado.

Qualquer membro do corpo social

póde, pois, soffrer a expropriação, dentro dos limites da necessidade urgentissima.

EVARISTO DE MORAES

## O MAR

A SEVERIANO DE REZENDE

Eil-o : azul e infinito, espelhando a infinita  
Immensidade azul... Eil-o : sereno e doce,  
Céos azues espelhando...

Eil-o : calmo e tranquillo ; uma véla palpita,  
Qual se d'uma gaivota o vôo branco fósse,  
Desgarrada do bando.

\* \* \*

Sob a alfombra floral dos rutilantes astros  
Dorme ; sob o frescor levantino da aragem  
Desperta e esplende ao sol !

Embarham-se além cabos, vergas e mastros...  
Procelfias o leque abrindo da plumagem,  
Pintalgam o arrebol !

\* \* \*

Ora, da superficie á flor, a bocca informe  
Eis que de um monstro surge ; ora, da vaga,  
o vento

O dorso incha bramindo,  
Té que no enorme céo, té que no espaço enorme,  
Brilhe o luar, e se veja, emfim, no firmamento,

O estellarío fulgindo.

\* \* \*

Em pós. qual dantes, torna ; em pós, qual  
dantes, a ira  
Em silencio amortalha, e o equóreo somno  
ascende

Á via-lactea exúl...

Resplandece na noite a liquida saphira...  
E suave e meigo e mésto e brando o anceoio  
extende,

Do polo norte ao sul !

Rio — 1904.

CYRO COSTA.

### AS NOSSAS GRAVURAS

As nossas gravuras representam as construcções de um dos marcos, o da fóz do Quarahym, onde começa a linha de limites, que váe torminar na fóz do Iguassú.

Esse marco é um obelisco triangular com cinco metros de altura, acima do pedestal, tendo dois metros de largo o triangulo da base, construido de alvenaria de pedra e cimento, tendo embutidas em bronze as armas da Republica dos Estados Unidos do Brazil, de modo que será, como todos os outros da nossa fronteira com a Republica Argentina, um padrão indestructivel.

Os marcos de madeira, embóra feitos das madeiras mais rijas, duradoiras e abundantes nas florestas brasileiras, não resistem á acção corrosiva das intemperies.

A commissão mixta não encontrou vestigios dos marcos das demarcações do XVIII seculo, dos marcos de Alpoim e Arguedas. O mesmo acontece com os da linha da fronteira da Bolivia, demarcada pela commissão a

cargo do visconde de Maracajú, e os do fronteira peruana, onde trabalharam os barões de Teffé e do Ladario.

Do marco da bocca do Beni, tornado famoso pela controversia ultimamente resolvida pelo tratado de Petropolis, nenhum ligeiro vestigio foi encontrado; do marco da nascente do Javary que era o ponto terminal da linha geodisica, nem Cunha Gomes nem o dr. Cruls poderam fixar, ao menos, o sitio exacto.

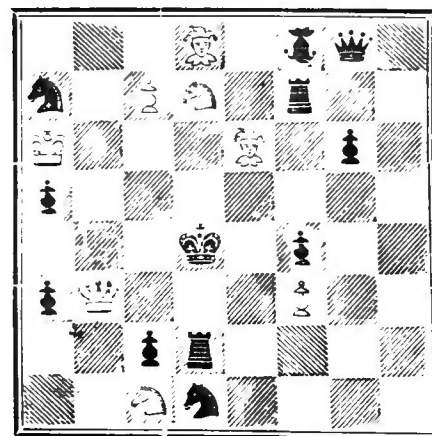
Esses marcos de madeira erão empregados pelo facto de se afigurar extremamente difficil obter, naquellas regiões inhospitas, material para o trabalho de cantaria, principalmente a cal ou o cimento, que deveria ser conduzido através de longas distancias, em canôas, subindo rios de accidentada navegacção, quasi todos encaichoeirados, nos quaes os demarcadores mal puderam conduzir instrumentos, armas e provisões, em lucta constante com a natureza e os selvagens. que frustraram os esforços de Teffé e Ladario e oppuzeram serios embaraços á exploração de Cunha Gomes.

E' entretanto, digno de nota que os portuguezes, heroicos descobridores e exploradores daquellas paragens, tivessem, quando a região era, absolutamente, barbara, transportado, assaltados por continuos perigos, através de cachoeiras, pantanaes e florestas impenetraveis, o material de construcção, petrechos bellicos e a artilharia do lendario forte Principe da Beira, reducto erguido em custodia aos mysteriosos caminhos das minas fabulosas, cujo roteiro perdido é, ainda hoje, objecto de vans explorações.

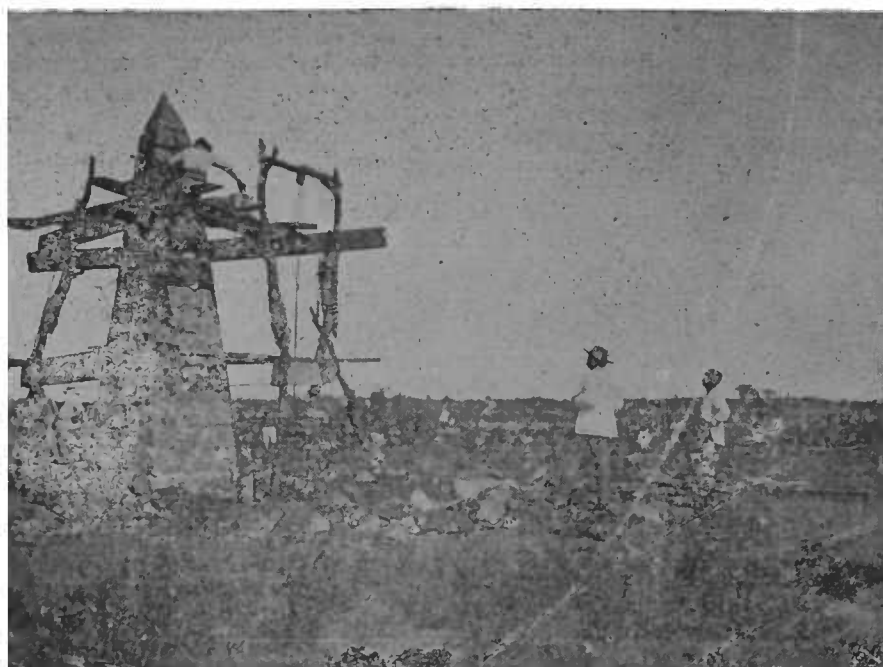
A commissão mixta demarcadora da nossa fronteira com a Republica Argentina, se bem que operasse em região mais conhecida e mais povoada, não deixou de encontrar dificuldades para realisar o plano de construcção de indestructiveis marcos de alvenaria, como são todos os principaes da linha, principalmente os da fóz e da nascente do Pepery-guassú, cuja gravura a falta de espaço não nos permite dar hoje.

## DIVERSÕES

Problema N. 6



As brancas jogam mate em trez movimentos.



CONSTRUÇÃO DO MARCO DA FÓZ DO QUARAHYM

### PHYSIOLOGIA DA DEMOCRACIA

A epocha actual é constantemente qualificada democratica. Pretende-se que a democracia influiu, ao mesmo tempo, nas artes, na litteratura, no commercio e na religião.

Todo o pensamento contemporaneo está saturado da idéa de que a democracia domina o presente e tornar-se-á mais esmagadora á medida do decurso dos annos. As allusões a ella são frequentes; as affirmações de sua influencia são tão universalmente acceptas, que vale a pena demonstrar que essa palavra, na maioria dos casos, não

passa de um termo ôco, uma immensa coisa vazia, tendo apenas, em o nosso espirito, uma significação muito restricta e muito attenuada, sendo util verificar exactamente aquillo que abrangia esse vocabulo e o que elle ainda contém.

A concepção deduzida da natureza e do futuro dessa especie de combinação politica será muito differente do que é commumente accepta. Um processo analytico pôde inverter, em absoluto, a conclusão esperada e baseada em resultados brutos, até então obtidos; do mesmo modo será possível demonstrar que o desenvolvimento da democracia não é a phase inicial de um movimento universal que proseguirá

inflexivel na direcção actual e não passa de um primeiro impulso de forças que se desviarão em caminho inteiramente diverso.

Tomemos os *Direitos do Homem*, como foram proclamados pela Revolução, pelo enunciação da democracia: o nosso actual estado democratico será a realisação pratica daquellas reivindicações, em relação ao individuo, sob a fórmula de uma liberdade sem peias em materias, até então, sob o dominio da jurisprudencia social, sendo assim obtidos — a abolição dos freios religiosos e moraes, o reconhecimento do direito de propriedade, a suppressão das restricções e privilegios especiaes.

A democracia moderna consiste, politicamente, na negação do direito ou das faculdades que teriam certos e determinados indivíduos de agirem á sua vontade, em nome da communhão.

Sua idéa fundamental é a da representação: o governo baseado na eleição, sendo, pelo menos em theoria, delegado e servidor da vontade popular. A theoria democratica implica com a vontade popular que se suppõe ser, no que concerne aos negocios publicos, a somma total das vontades de todos os cidadãos. Sob o seu aspecto menos perfeito e mais usual, essa theoria se figura uma doutrina ethica, que declara injusta a recusa de acquiescencia do governado, ou um commodo compromisso politico, o menos discutivel de todos os methodos de fiscalisação publica, com o minimo de mal estar geral.

Não ha nos estados modernos, governo democratico electivo, cujo absurdo não possa ser demonstrado em cinco minutos.

E' evidente que em innumeraveis circumstancias de interesse da collectividade, não se encontra a vontade collectiva e sim uma indifferença perfeita no espirito do eleitor: o systema electivo colloca o poder entre as mãos dos agentes eleitoraes mais esptos. Nem os homens, nem os seus direitos são eguaes, porque esses direitos variam conforme o individuo, e é indiscutivel que o minimo ou maximo de felicidade geral não dependem, directamente, da fiscalisação publica: a prova disso é que se supportam, sem protesto, as miserias impostas pelo governo, que aliás se mudam pelos mais futeis pretextos.

O complexo de objecções e argumentos contra as razões *a priori* preconisadora da democracia, são de tal modo formidaveis, que é impossivel admittir seja a enorme invasão das instituições democraticas resultado de convicção sincera: occorre necessariamente a suspeita de que o termo *democracia* não passa de um verniz verbal a cobrir factos, essencialmente differentes.

A democracia do typo moderno, com o suffragio universal, só se tornou phenomeno evidente nos ultimos annos do secculo XVIII. Sua genese está tão intimamente ligada á expansão primitiva do elemento productivo no Estado, graças ao mechanismo e á organização cooperativa, que uma relação de causa a effeito immediatamente se impõe. Quanto mais perto se examinar a vida social e politica daquelle seculo, tanto mais plausivel se torna essa relação.

Factores novos, poderosamente influentes, haviam apparecido na sociedade: o manufactureiro organisador, o operario intelligente, o fazendeiro habil e a massa das baixas estratificações urbanas. As velhas tradições

da posse do solo, a monarchia, a aristocracia não progressiva, dominantes na christandade, tornaram impossivel, sem choque ou convulsão destruidora, a reorganisação que teria incorporado ou disciplinado esses novos factores. No caso do Imperio britanico, accresceu a incapacidade do governo para assimillar a civilisação das colonias americanas. Por toda a parte, nascendo com o mechanismo, apparecem elementos novos, ainda mal analysados e pouco definidos; por toda a parte os antigos governos tradicionaes e os antigos systemas sociaes, muito bem definidos e analysados, se mostraram cada vez mais obstructores, contradictorios e pusilanimes nos esforços empregados para attrahirem, para dirigirem as novas potencias.

Essas potencias novas eram ainda informes. Não houve um conflicto entre organizações—novas e velhas—mas o enfraquecimento preliminar, a deliquencia de uma ordem de coisas gasta, parallelas ao desenvolvimento da massa embryonaria de um novo regimen. Era impossivel avaliar as forças proporcionaes, as probabilidades e as relações reciprocas dos novos elementos destinados á construcção, em proximo futuro, de uma organização social.

Agora, como ha cem annos, nenhuma formula de reconstrucção definitiva foi adoptada. Essas forças, augmentadas, incoativas, cujo nascimento acarretava a caducidade do antigo regimen, sua transformação ou sua destruição, foram obrigadas a formular, de momento, suas reivindicações em proposições geraes affirmativas, que, na realidade, nada tinham de affirmativas, mas tendiam para a refutação e a rebellião.

— Os reis, os nobres, os privilegiados, exercendo funções preemptas não podiam mais dirigir os nossos negocios — era coisa evidente, era a questão essencial. E como nada havia de effectivo, á mão, como substitutivo, a commoda doutrina da infallibilidade collectiva, em opposição á incapacidade indiscutivel do individuo, tornou-se, a despeito de seu absurdo essencial, uma hypothese acceitavel.

Assim, nasceu a democracia moderna.

J. H. WELLS.

## PALPITES

O' mulher, onde metteste tu o dinheiro?

—Que dinheiro, homem de Deus?

—Não te queiras fazer fina! responde e deixa-te de historias. Que fizeste do dinheiro que estava no pé de meia?

—No pé de meia não havia vintem.

O que havia no pé de meia ficou na barrella.

—No pé de meia havia duzentos e tantos mil réis em muito boas notas, que eu lá guardei. Vamos, deixemo-nos de brincadeiras: onde metteste o dinheiro?

—Se eu te digo que não havia vintem...

—Vintem não havia, havia notas, já te disse. Onde estão?

—Foram por agua abaixo, na lavagem.

—Máu! máu! Olha que eu não estou disposto a rir. Quem sabe se a senhora quer imitar o ministro? imitar, digo mal, porque elle queima. Vamos, diga onde pôz o dinheiro se não quer que eu faça aqui uma das minhas... Depois. Aqui d'el-rei...!

—Homem, queres que eu seja franca?

—Sem duvida.

—Pois o dinheiro. o dinheiro... levou-o o burro.

—Que burro, senhora? Para que quer um burro duzentos e tantos mil réis?

—Foi o burro. Elle não levou os duzentos mil réis de pancada, foi levando aos poucos.

—Como? então o burro entrava no quarto, abria a meia, tirava o dinheiro que queria. ? Homem, mulher, tu pensas que eu sou idiota?

—Quem tirava não era o burro, Manoel...

—Então quem era?

—Era eu.

—Tu! Então que historia é essa do burro?

—E' que era o burro que o levava. Tu nunca jogaste no bicho?

—Eu? a senhora bem sabe que eu não tenho vicios.

—Pois foi o burro do jogo que levou o dinheiro. O caso foi assim: Tu conheces a mulher do Cunegundes, uma ruiva, que tem dois filhos pequenos?

—Conheço. Mas que vem cá fazer a mulker do Cunegundes?

—Ouve. Como sabes o Cunegundes está de cama ha uns pares de mezes. Emquanto teve saúde, foi um homem de trabalho, atirava-se a tudo para ganhar a vida — trazia a casa farta, a mulher limpa, os pequenos sempre bem vestidos; a molestia, porém, acabou com tudo isso. O pobre homem, para não morrer á mingua, aprendeu a fazer charutos, mas os charutos dão muito pouco... Que eram cem charutos por dia para uma familia como aquella? A Adelaide andava varada, pallida; os pequenos, rotos, descalços, pediam pão de casa em casa, até fazia pena. Quanta vez eu aqui lhes dei comida... Ah! meu amigo, quando um pae de familia cahe numa cama...

—Pois sim, mas vamos ao burro...

—Vamos. As cousas estavam nesse pé quando, um bello dia, a Adelaide,



que não tinha um casaco decente para chegar á janella e andava sempre a chorar, a lamentar-se, pedindo a morte para ella e para os filhos, appareceu risonha e mais contente do que dantes e, todos os dias, eu, por entre as reixas da janella, via chegar gente com embrulhos para a Adelaide: eram queijos, caixas de vinho, fazendas e a Adelaide a deitar luxo até que um dia sahio de carro como a senhora do doutor.

—E o pobre do marido a fazer charutos...

—A fazer? á fumar-os, e dos bons, deitado em lençóis de linho, com fro-nhas de renda nos travesseiros: um luxo de principe. Eu fiquei a banzar e, como não sou maliciosa, disse com-migo: «A Adelaide tirou a sorte...» E um dia, apanhando-a a geito, disse-lhe em ar de pagode: «Então, sua felizarda, sempre apanhou um bilhetinho premiado, hein?!» Ella ficou muito espantada e respondeu: «Não, senhora: eu não jogo na loteria. Ah! já sei porque a senhora fala — é porque me vê andar assim, apesar da molestia do Cunegundes, coitado! Que quer, minha amiga? quem não tem cão, caça com gato.

—Que gato?

—Espera, cuve, homem. «Emquanto o Cuneguedes tinha saúde e força, eu não me preocupava, mas veio a doença e, a senhora sabe, as creanças têm fome e o homem da venda não fia principalmente quando sabe que o dono da casa está entrevado no fundo de uma cama. Procurei trabalho... Só me appareciam charutos; desanimei. Foi então que uma comadre minha, cujo marido anda longe, apanhando borracha nos sertões do Amazonas, disse-me que eu aventurasse alguma cousa no touro. Aventurei. A primeira marrada custou, isso custou, mas hoje...» e desatou a rir, só para que eu lhe visse os dentes obturados a ouro, como lá diz o outro. Eu fiquei a olhar para ella e, com franqueza, extranhei aquella alegria porque a Adelaide era alegre, mas agora dá umas gargalhadas... «Então a senhora vive agora á custa do touro?»

—E' verdade, respondeu ella.

—E seu marido?

—Ah! meu marido não sabe. Para uma mulher ser feliz no jogo do bicho, deve guardar segredo, principalmente para o marido. A senhora porque não tenta?

Tu sabes que eu não gosto de bois, não gosto de touradas, boi só vacca, essa mesma cosida.

—Não, D. Adelaide, eu não gosto de bois.

—Não gosta! A senhora diz isso porque ainda não experimentou. Eu também não gostava e hoje não posso passar sem elle. Experimente, experimente—e dobrou-se toda noutra gar-

galhada. Eu fiquei pensando e depois que ella sahio resolvi experimentar.

—Tu!?

—Então? No primeiro dia, mandei pedir porco; deu o burro; no segundo dia, mandei buscar elephante, deu outra vez o burro. Fiquei desconfiada com tanto burro: Diabo! isso não é um jogo, é uma estrebaria! Quem sabe se não é Deus que me está mostrando o caminho da felicidade! pensei. A' noite, sonhei que estava agarrando um burro pelo rabo. Foi naquella noite em que te agarrei, não te lembras?

—Sim, mas eu não sou burro.

—Nem eu te agarrei pelo rabo. De manhan, muito cedo, fui ao pé de meia e mandei comprar no burro... couce! e... de couce em couce, meu velho, fiquei a tinir. A Adelaide vive regaladamente á custa do touro, eu com o burro só conseguí amofinações e misérias.

—Então os duzentos e tantos mil réis foram todos no burro?

—Todos.

—Muito bem.

—Antes eu tivesse jogado no touro — ainda hontem deu.

—Se a senhora tivesse jogado no touro ia agora mesmo, como um fuso, para o olho da rua, entende? O touro dá todos os dias, mas, se me constar que a senhora joga em semelhante bicho, eu faço um banzé dos diabos nesta casa. Touro não é bicho que entre em casa de familia, está ouvindo?

—E a Adelaide?

—Que tenho eu com a Adelaide?

—Ella não joga em outro.

—Por que o marido está entrevado, mas eu não estou, com a graça de Deus. Emfim — no burro póde jogar uma ou outra vez, pouco, com touros é que eu não quero negocios. Se eu souber que me entrou touro aqui em casa a senhora váe para o olho da rua em dois tempos. E' o que lhe digo. —

(E foi; todos os jornaes noticiaram o caso commentando-o). O homensinho que apertára os cordões á bolsa, levando para a Caixa Economica o que dantes deixava nas meias, começou a desconfiar dos lautos jantares que a mulher lhe apresentava — eram verdadeiros festins — e, farejando os pratos, perguntava desconfiado:

—Mulher, isto é burro?

—Tudo é burro, pelo moderno.

—Então agora não dá couces?

—Qual! está manso como cordeiro.

—Pois sim, mas não te fies.

Depois appareceram sêdas, chapéos, costumes de panno francez, joias, camarotes do lyrico...

—E' burro?!?

—Então! que ha de ser?

—Olha lá, mulher, acho muita carga para um burro só.

—A culpa não é minha. se elle dá. Um dia, porém, o homem entrou em casa justamente na occasião em

que a mulher fazia o jogou e viu... Que viu elle? Sei apenas o que os jornaes disseram: que elle travou dum páu e desancou a mulher. Sem razão — disse a coitada ao delegado, explicando o caso: na occasião em que o marido entrou no quarto, ella abria a porta de espelho do guarda casaca e o homem tomou por uma desobediencia o que era a sua propria imagem.

—Eu permitti que ella jogasse no burro, senhor doutor, mas o que eu lá vi de burro não tinha nada.

—Então que era?

—Ora! que havia de ser? palpites da Adelaide.

COELHO NETTO

## A LIVRARIA

FRAGMENTOS LITTERARIOS — BREVE  
RESPOSTA — AUGUSTO FRANCO —  
BELLO HORIZONTE.

Desses dois volumes, já agora quasi velhos, quasi fóra do proposito e da oportunidade desta columna, o primeiro é meu conhecido desde o principio do anno. O outro é do anno pasado.

Confesso que, com uma cochilante indisposição, neste momento providencial, empurro uma referencia a semelhantes coisas... essencialmente provincianas. Ninguém nega, nem mesmo faz questão de negar ao seu auctor a erudição com que elle atúlha a sua prosa, feita em desalinho, uma prosa a granel, esculpida em presumpção, trançada sem ordem, tecida sem intelligencia, sem talento litterario.

Sobretudo o auctor dá idéa de que a sua *maneira* sae frouxa, molle, exangue, ainda espirrando umas sandices de expressão e de pensamento que, já hoje, na mesma provincia, não se toleram, não se dizem nem se escrevem. Vejam o triumphante gôso, a divertida bravata desse Franco, a verificar que o sr. Magalhães de Azeredo não disse mal, como esperava, do sr. Sylvio Roméro, a quem chama *illustre deputado*, mesmo querendo referir-se ao critico:

«Felizmente, vejo que tal não se deu; mas, *mesmo que se desse*, o glorioso pensador sergipano continuaria o grande que é, *pois as apreciações negativas a elle feitas se parecem com as dentadas da serpe á lamina.*» Nota-se, á vontade, o capoeira espalhando a *bombacha*, desempalando o chapéo e glorioso de não ter encontrado um *bicho* que aguentasse tempo.

Desborda de alegria, exúlta, delira, porque, como convem á sua *sylviomania*, Magalhães de Azeredo «chama ao illustre deputado de *meu prezado amigo*». E' feroz.

No capitulo em que allúde a um seu confrade, o homem escreve um

período assombroso para notar, sublinhando a emenda, pondo aspas ás palavras do outro, que esse confrade escreveu *Henri Taine* em logar de *Hippolite Taine*. Transcrevo-o, e irei transcrevendo algumas das mais encantadoras amostras da virilidade do escriptor. E' o melhor succedaneo da minha preguiça, e o melhor programma do melhor juizo :

«Um ou outro descuido poderia ser levado, não á conta de ignorancia, mas á de simples engano, aliás desculpavel em trabalhos eruditos. Disso, por exemplo, é prova referir-se o auctor aos «magnificos estudos de *Henri Taine* sobre as condições da producção da obra de arte (pag. 24)», quando se sabe perfeitamente haver sido o eminente critico *Hippolite Taine* quem, no seu soberbo livro—*Philosophie de l' Art*, cogitou sabiamente dessas condições». Com toda a sua *gaucherie* de fórma, o auctor é, sem duvida, um erudito, principalmente em lingua allemã, cuja citaçãozinha não dispensa, como o meu amigo Candido Jucá, em cada entrada ou sahida. de artigo.

Qualquer das duzentas paginas dos *Fragmentos* prova a cultura que esse Franco ( com muito trocadilho ) váe engrossando ou váe *avolumando* (outro trocadilho) numa *pose* aliás tão sincera como a graça que me concede a solemne convicção do seu retrato, posto na pagina de luxo para dar uma impressão, embóra longinqua, embóra dispersiva, da furia, da raiva e da habitual prepotencia (demos a isto côr local) do polemista, cujos olhos, varando um par d'olhos, lançam chispas de temerosas ameaças.

Não tenho vontade de esmiuçar com palavras. Por isso, Deus me perdõe, eu ainda citarei outros documentos da força do escriptor. Leiam o capitulo sobre *as producções de Péthion de Villar*, que os senhores conhecem como o *exhibicionista* mais escandaloso e perfeito da raça latina. Esse artigo desse Franco foi naturalmente encomendado pelo cigano da Bahia. Ha nelle, de principio a fim, a preocupação do reclamo, o predomínio da vaidade mais idiota. Esta chega, com aquelle, á tolice infantil de notar que um tal trabalho do tal Villar sahiu publicado em *columna de honra* do «*Jornal do Commercio*», que o dr. Egas tem recebido cartas de todos os homens illustres do mundo, e que um jornal allemão transcreveu, com palavras amaveis, um bello estudo do mesmo Egas e que Zola escreveu que é um grande paiz um paiz que produz poetas como Egas, etc. etc. Uma creatura, entre nós, teve a ingenuidade de escrever, ha uns dois annos, umas febricitantes phrases commemorativas da obra do Eça. O critico de *juxta serras*, como diria o dr. Mello Moraes, promoveu o anniquilamento dessa creatura, do

seguinte terrivel feitio, a que nem Scherer, por exemplo, escaparia, tendo escripto, quarenta annos depois da morte de Chateaubriand, sobre sua obra:

«O ultimo capitulo do livro é dedicado a — *Eça de Queiroz*. Outra ingenuidade do sr. Frota Pessôa... Pois quem é que, a não ser extremamente ingenuo, terá coragem de lançar no papel apreciações sobre a personalidade, obras e valor litterarios de Eça? Já se não disse tudo quanto se tinha a dizer e era preciso dizer a esse respeito? *No melhor jornal de Portugal ou do Brazil, com a assignatura do mais competente dos criticos modernos, um artigo com o titulo — Eça de Queiroz ninguém leria, quanto mais um fragmento de livro de estreante, embóra intelligente.*»

«*Eça está consagrado*. Occupa, no mundo da litteratura luso-brasileira, o alto logar, em que, com justiça e com direito, o seu genio o collocou.»

«Deixemol-o ahi em paz, venerando-o mudamente e amando cada vez mais as suas obras.»

Sobre Zola escreve que toda a gente só conhece o romancista e não conhece o critico. Augusto Franco preenche essa lacuna, ennumerando, para conhecimento do mundo, os livros de critica do escriptor francez.

A outra brochura — *Breve Resposta* — é uma resposta ao sr. Laudelino Freire. E' um monstro curioso. Reparem na solemnidade auctoritaria da facécia, no tom convencido e victorioso da *linha* em que elle descarrega sobre o outro :

«Qual! A este sr. Laudelino só se lhe pondo uns olhos de couro crú. Não ha meios de a gente guiar este individuo para o terreno da verdade. Anda a tropeçar que faz pena. Mas — *co' os diachos!* — só se levando o homem a troça, que elle não merece ser tomado a serio.»

«*Os leitores queiram desculpar-me estas franquezas*. Mas é que ellas convêm ao caso. E' preciso esfregar um pouco a petulancia dos zotes.»

Póde-se dizer que um contendor vale o outro contendor. E eu digo, emfim, sem favor, e sem palavras minhas, mas com a prova dos *autos*, que o sr. Augusto Franco é um erudito cruelmente dispeptico, e nada tem de escriptor, mesmo desses escriptores que, na provincia, deslumbram as tropas incautas do publico.

WALFRIDO

## MODERN STYLE

Neste turbulento máu tempo do nosso viver, deve considerar-se feliz quem possuir quatro paredes de um gabinete, arejado por uma janellita franqueada ao sol, onde se homize das

estouvices e resingas dos desvairados por gloriolas e riquezas. E mais feliz será, nesse obscuro remanso, embóra despido de objectos raros e commodidades voluptuosas, quem conseguir consolo e revigoramento d'espírito com demorado olhar sobre luxuosas paginas da *Deutsch Kunst und Decoration* e do *Studio*, ao tempo em que a cigarrilha, pendente do labio, fumeiga preguiçosa e aromática.

E', realmente, um conforto a contemplação desses documentos da grande vida espiritual dos fortes, claros, sérios povos da Civilisação, que levantam sobre velhas formas e velhos preceitos, a nova Arte do seculo XX.

A propria Architectura, da qual se annunciára o termo por asseverações de auctores conceituados, surge do seu pretencioso amontoado de combinações classicas, despojando-se das regras estabelecidas por mestres do esquadro, que combinaram a austeridade da Grecia antiga, a da Belleza e da Philosophia, com a mesclada pompa da aristocratica Renascença. Horta, em Bruxellas, levanta as habitações collectivas, chamadas *maisons du peuple*, inspirando-se nos primeiros triumphos do Socialismo e para as quaes, diz Gustavo Kahn: o passado não offerece modelos. A exemplo desse, outros, como Hankar e Van Waerbeghe, cortam com uma intelligente, ponderada dyssimetria, o monotono e sobrecarregado conjuncto da decorativa das construcções. Plumet, Schoelkopf, em Paris, retocam e mudam as frontarias do hybridado, estreito estylo francez, que se suppunha a concretisação da gracilidade e garridice duma raça na resistente alvenaria duma estrutura architectonica; na original e pratica Gran-Bretanha, na sonhadora e sabia Germania, Printice, James Müller e Townsed, Schilling e Graeberer desenharam e edificaram com um imprevisito impressionante de linhas néo-compositas, nunca, até hoje, conjunctadas harmoniosamente.

A Esculptura, que nos ultimos decenios do seculo XIX reviveu com o detalhe de Monteverde, com a expressão e grandeza de Rodin e Gerôme, com a fina elegancia de Falguière e, sem perder a consciencia das tradições, entrou na posse de elementos novos d'emoção pelo magistral cinzel do incomparavel Constantino Meunier, pelos esboçadores dessa formosa Theza Feodorowna que vibra com a violencia michel-angelesca nas formidaveis massas talhadas em forma humana, a esculptura desgarrada dos limites em que se exerceu e vem cooperar na industria moderna pelo concurso de sua caprichosa applicação, unindo-se á Pintura que, primeiro se expandiu na conquista dessa extraordinaria reforma, a que, intimamente, estão

ligados o genio francez pelo proveitoso ensinamento d'Eugéne Grasset, e o nome de Johns Ruskin pela importancia do seu *naturismo* na educação do gosto artistico moderno.

E é por isso mesmo, por este renascimento da intervenção directa das artes do desenho na industria de utensilios, por ventura de modo mais decisivo e generalisador do que já foi, que a obra contemporanea está ganhando uma feição estranha, mas cheia de intelligente e encantadora urdidura e fascinantes relevos.

O mobiliario, cujo inicio reformador partiu da originalidade ingleza com o japonézismo applicado, váe se desenvolvendo numa prodigiosa variedade de formas inéditas e uteis. As pesadas poltronas de carretilhas, as cadeirinhas pelintras de bambú vermelho ou de xarão, o almanjarrado canapé, transformam-se, sob o lapis inventivo dos desenhistas, em moveis leves, esbeltos, solidos, sem bruteza, commodos, sem desproporção. O velho *armario* de caixa envidraçada, o toucador rispivamente quadrado, a familiar *commoda* desgraciosa, desaparecem na engenhosa combinação de formatos que, por garantir o aproveitamento completo do seu todo, tambem concorrem á parte ornamental do interior. E as linhas componentes, que formam o corpo desses moveis, ao contrario dos antigos, que obedeciam á symetria classica, são alcançadas por estudo de opposições de curvar, rectilindades e angulos interrompidos d'onde resultam attractivos inesperados, verdadeiras composições singulares que despegam o sentimento esthetico das corriqueiras usanças do passado.

Pela apparente propriedade de utilisação, (não digo—sobriedade), tem esse mobiliario, hoje reconstruido, alguma coisa do grego restaurado sob o Directorio, além de que, por esse modo destróe o irritante anachronismo, proveniente da estonteada imitação da bugiganga dos *ateliers*, que levava a uma saleta burgueza cadeiritas Luz XV em lacca dourada e seda-pompadour, risónhos e voluptuosos moveisinhos feitos para a porcelana viva dum corpo de *marquissette*, e nunca para as nédias carnes de fecundas mulheres em mandriões de morim..

E como no mobiliario, este espirito reformador se manifesta por milhares d'encantos, de ineditismos surprehendedentes, de applicações suggestivas, na ourivesaria, no kaolim das porcelanas, n'argilla da ceramica, na modelagem dos metaes, no tear manual, na téla dos bastidores, nos trabalhos da vitrificação, em tudo a que a mão do homem póde communicar o calor de suas arterias, transfundir a febre da sua imaginação creadora.

E' no torno do modelador ou na banquêta do oleiro, contornando a punhada de barro fresco, ora empollando-a nas lias de stalactites e stalagmites, ora distendendo-a num elance de gorja de floração exotica; é nas mãos do lapidario debastando a crôsta das agathas, dos beryllos, dos carbunculos, para o polimento de seus preciosos veios ou lisas, translucidas superficies que serão conchas de tigellões, fauces de *cratêras*, quadris decepados de amphoras; é sob os ferros cortantes do entalhe escarafunchando a tartaruga mosquêada ou a irisada madreperola, que surgem as maravilhas desse qualificado *modern style*, tão inspirado na natureza e de tal maneira interpretativo que, direis, só lhe faltarão motivos quando a grande Procreadora se tornar estéril a fantasia dos homens fallir, por exhausta!

Vão se abandonando os assumptos classicos, que estão estafados, que já não podem abalar o egotismo desta sociedade contemporanea, sahida, atordoadamente, da vibração ininterrupta dum seculo delirante. Faz-se necessaria a renovação dos aspectos dos contornos, dos ornatos, como a das idéas e da fórma na literatura. A arte decorativa, por sentir cansados os recursos de que dispôz, volveu-se para a deslumbrante Flóra das terras virgens, para os monstregos escaravilhados do lôdo palpitante dos pélagos. Então, um thesoiro lendario se lhe desvendou. Opuleucias scintillaram, numa profusão d'estrellas em céu sem lua, na série das profundezas maritimas, donde os escaphandros emergem como que aturdidos. Encantamentos de fabelas da Meia-Edade se lhe revelaram no rumorejante mysterio das florestas, das quaes se desembrenham os naturalistas maravilhados. E como a analyse hodierna, implacavelmente fria, ainda não conseguiu se deslocar da influencia directa da supersensível Fantasia, a arte entrou a interpretar e applicar toda essa enorme riqueza dos tenebrosos Desconhecidos.

Nos tentaculos grimpantes nos cipós encontrou paralyações carfologicas de mumias, contorsões estacadas de suppliciados, que lhe sugerem nervosos enrodilhamentos de feixes ou comprimidos torçoes de ornamentos; n'agrestidade de, algumas folhas percebeu o arremesso desesperado de labarêdas, de que retira empolgantes effectos singulares. São primores de agrupamento e colorido certos festões selvagens; tem flexibilidade, jamais reproduzida na fertil curvelinidade *rocaille*, o filamento das *trepadeiras* dos tropicos; avencas e begoneas reconstróem pelo seu recurvo garbo, pela sua estranheza, pela sua adaptação accessorial, grandemente ornamentativa, os conhecidos materiaes da estamparia dos estylos...

Do que parecia vulgar, do que se

menosprezava por chulo, súrde, inesperado, o excentrico; no que até hoje passou como desprezível o artista descobre delicadezas inapreciaveis, por vezes subtilezas lineares duma faisante, quasi intangível proporcionalidade. Assim, o transbordo duma taça desperta um motivo novo e admiravelmente adequado; do esqueleto duma folha sáe uma trama delgadissima, transparente e vaporosa, capaz de revolucionar a tecedura rotineira dum tear.

Mas, o que impressiona, sobretudo, nesta arte do utensilio de hoje, é o caracter de probidade de que ella se reveste.

Como no mobiliario, os seus recursos ornamentaes, os seus relevos e enfeites, resultam duma premeditada, attenta combinação; têm estricta coherencia com a utilidade peculiar a cada objecto e a mais perfeita relação com a materia de que é feito. Sem duvida que algumas vezes estas qualidades falham, mas isso não entra em conta da esthetica que preside á producção duma época; é um vesvio morbido de todos os tempos.

O que é exacto, porém, é que a remodelação das artes da industria se está fazendo por processos novos, procurados em novas fontes. E' o que nos dizem e nos mostram as luxuosas paginas da *Deutsch Kuns und Decoration*, do *Studio, d'Il secolo XX*, esses documentos da grande vida espirital dos fortes, claros, serios povos da Civilisação, para a qual olhamos attonitos, sem na comprehender bem, porque ainda estão connosco o refractarismo dos bugres, a obtusidade dos africanos e a casmurrice dos nossos maiores, dos quaes se alardeiam de respeitadores os guínolas da trampolina.

GONZAGA DUQUE.

## Nova theoria das quantidades negativas

PRECEDIDA DE UM ESTUDO CRITICO  
DAS THEORIAS VIGENTES

PARTE 1ª

CAPITULO IV

1. As quantidades negativas surgiram da discussão dos problemas do primeiro gráo, onde se foi levado a praticar a subtracção impossivel, afim de se realizar a inteira generalidade que deve presidir ás transformações algebricas.

Procurando entender os resultados chamados negativos, chegou-se a estabelecer a antiga theoria, onde uma tal quantidade foi considerada menor do que zero e, como consequencia dessa asserção, tanto menor quanto maior fosse o seo valor absoluto.

Eram, pois, as quantidades negativas symbolos sem significação, mas se foi levado a introduzil-as no calculo, com o fim de sempre manter a Algebra a indetermina-



ção das grandezas que ella considera, ou, como dizem outros, afim de estabelecer a maior generalidade possível nos resultados a que se chega por via das transformações do dominio algebrico. E era preciso introduzilas no calculo, como o foram os positivos sem o que a todo o instante, seria preciso restringir em grãos diversos e communmente inapreciaveis, as hypotheses sobre os valores ficados arbitrarios, si se recusasse admittir os resultados subtractivos como os additivos »

Foram, pois, os negativos introduzidos no calculo como um meio de generalisação.

Como, porém, os negativos introduzidos na sciencia mathematica por esta theoria eram menores do que zero, se foi logicamente levado a formular o principio de que uma addição entre duas quantidades de signaes contrarios reduz-se á differença entre os valores absolutos dessas quantidades. Este principio que é uma consequencia das duas proposições que constituem a base da antiga theoria vem completal-a perfectamente. Sem elle não se poderia dar á Algebra a inteira generalidade que deve ter o resultado de suas transformações.

Esta theoria é na verdade logica, e tanto que Descartes, o mesmo que formulou o principio da opposição de sentidos, não conseguiu libertar-se de sua influencia.

O principio do grande philosopho teve, pois, no seo tempo unicamente por fim vencer a grande difficuldade que encontrou ao fundar sua Geometria. Não apprehendendo todo o alcance da concepção do philosopho, julgam os modernos que elle só teve por fim, introduzindo na sciencia esse principio, interpretar as soluções negativas, isto é, justificar sua introdução no calculo. Por certo que não foi este o movel que levou Descartes a imaginar seo *theorema*, uma vez que abandonava as soluções negativas como falsas.

Convenientemente interpretada, aquella convenção só pode significar o presentimento da necessidade de se estabelecer a theoria concreta das quantidades negativas, porque a que existia era puramente *ideal*.

Isto não comprehendendo, e diante da insufficiencia da antiga theoria, a sciencia moderna fundou a theoria que vimos de analysar e que é constituída da harmonia entre a base concreta das quantidades negativas, a base da antiga e uma consequencia desta. E' justamente por isso que os modernos affirmam que uma quantidade negativa significa uma opposição de sentidos, provém de uma subtracção impossivel e sommada a uma positiva lhe diminue o valor.

Muitos se tem manifestados contra essa harmonia, sem que entretanto tenham trazido algo de verdadeiro para a sciencia, e nos manifestando por nossa vez, apenas cabe-nos o esforço de mostrar até que ponto a actual theoria se resente da metaphisica.

2. O principio da somma algebrica entre quantidades de signaes contrarios, que mostramos não ter razão de ser quando se trata de negativos reaes, é uma consequencia logica da antiga theoria; mas por uma persistencia no erro nos poderão dizer que tambem é um convenioção, como é o principio de Descartes, considerar-se o subtrahendo da expressão  $a - b$  um numero negativo, o que dá no mesmo que dizer ser uma simples convenção o principio de que  $a - b = a + (-b)$ .

Entre muitos algebristas, o illustre Bertrand, depois de estabelecer as regras que devem reger a Addição e a Subtracção dos polynomios, diz na verdade, em sua obra :

« § III. Enunciado mais simples dos resultados precedentes.

20. Convenção que introduzem os negativos para simplificar os enunciados.

A forma dos resultados preceden-

tes se pode simplificar por meio de uma convenção muito util em Algebra.

Esta convenção consiste em se considerar todos os termos tanto positivos como negativos de um polynomio como *juntos* uns aos outros.

Assim convenciona-se considerar a differença  $a - b$  como resultando da addição de  $a$  e  $-b$ ,

$$a - b = a + (-b) \dots (1)$$

A expressão isolada  $-b$  que se chama um numero negativo, não adquire por isto nenhuma significação; sómente diz-se apontar  $-b$  em lugar de se dizer subtrahir  $-b$

Convenciona-se da mesma maneira que subtrahir  $-b$ , significa juntar  $b$ ,

$$a - (-b) = a + b \quad (2)$$

Seria absurdo procurar demonstrar as formulas (1) e (2): as definições não se demonstram.

Deve-se notar entretanto, que a convenção expressa pela formula (2) é uma consequencia muito natural da primeira. Com effeito, si se ajuntar  $-b$  a  $a$ , obtem-se segundo a primeira convenção, a expressão

$$a - b,$$

si agora se subtrahir  $-b$  do resultado, tem-se de accordo com a segunda convenção,

$$a - b + b$$

ou simplesmente  $a$ : as duas operações se destroem, o que deve ser.

Mas si não se fizesse a segunda convenção, aconteceria que, ajuntando o principio a um numero  $a$ , depois subtrahindo do resultado uma mesma quantidade  $-b$ , não se encontraria o numero  $a$ .

Esta nova convenção é pois necessaria, desde que se adoptou a primeira. »

E' uma argumentação que nos pode ser feita, esta da preferencia das convenções.

Segundo M. Paque, as convenções não devem ser acceitas, salvo se são sem influencia sobre os resultados, e M. Bertrand está convicto de que aquellas de que fala estão em taes condições.

A convenção de Descartes está nas condições de ser acceita porque teve como influencia a renovação da sciencia mathematica e dilatou o dominio das quantidades algebricas, porque reconheceu ser muito vasto o dominio da situação das grandezas. Por esta convenção é que se pode operar sobre grandezas que os factos geometricos e mecanicos têm muitas vezes de considerar, chegando-se á possibilidade de introduzir no calculo grandezas que existem em diversas situações, sem que se possa jamais confundil-as apezar de se operar sobre seos representantes abstractos.

As convenções de que fala M. Bertrand têm como influencia o estabelecimento da metaphisica no seio da mathematica. Por ellas se é forçado não só a accuitar unia quantidade menor do que a que representa a ausencia de valor, como ainda a dizer que é de grande utilidade operar sobre quantidades taes.

O que impressiona, tratando-se dessas convenções, é que a segunda parece justificar a accitação da primeira, quando na verdade é um erro que nasce de outro erro, porque, desde que, se comprehendendo mal a interpretação dos symbolos algebricos, se diz que uma addição é uma subtracção, tem-se nas mesmas condições, de forçosamente dizer que uma subtracção é uma addição, e nada mais.

Para quem vê em taes symbolos, além da indeterminação que os caracteriza, mais complexidade que nos symbolos arithmeticos, porque além da idéa de valor encerram

em si a idéa de *qualidade*, mas que não confunde esta *qualidade*, distincta por um signal, com a operação que tambem se indica por elle, nunca poderá affirmar que se possa effectuar uma operação impossivel e não affirmará, portanto que ha na mathematica um caso em que a addição se reduz á subtracção.

Uma quantidade negativa devendo ser real como uma positiva, não pode, sommada a esta, lhe diminuir o valor, e outro não é o effeito da subtracção a que conduz no dizer de M. Bertrand, e portanto suas convenções não podem ser acceitas pela sciencia que vê naquellas quantidades um certo modo de existencia, que é o sentido directamente opposto.

Um simples exemplo esclarecerá melhor a questão.

Admittindo-se que,

$$a + (-b) = a - b,$$

tem-se que,

$$a + (-a) = a - a = 0.$$

Tomaremos este caso particular da addição entre quantidades de signaes contrarios, que melhor esclarecerá a questão.

Supponhamos que na recta  $XX'$  o ponto  $O$  seja uma estação de estrada de ferro.

$A'$	$O$	$A$
$X$	$X$	$X$

e admittamos que da estação  $O$  partem dois trens ao mesmo tempo, um para a direita, outro para a esquerda, ambos com a mesma velocidade, e que no fim de um certo tempo pede-se a distancia entre elles.

Quando no fim do tempo  $t$  o primeiro trem chegar ao ponto  $A$ , o segundo chegará ao ponto  $A'$ , e as distancias  $OA$  e  $OA'$  serão iguaes, e a distancia entre os dois trens será evidentemente  $AA'$ . Si representarmos por  $+a$  o caminho  $OA$  feito pelo primeiro trem, o caminho feito pelo segundo ou  $OA'$  será representado por  $-a$ , e a expressão da distancia entre elles será,

$$D = (+a) + (-a) \quad (1)$$

Si admittirmos que um negativo é real e que portanto sommado a um positivo não lhe diminue o valor, temos que a expressão (1) diz que a distancia entre os dois trens no fim do tempo  $t$  é igual ao caminho feito pelo primeiro mais o caminho feito pelo segundo, o que na verdade é exacto.

Si admittirmos, porém, a primeira convenção de M. Bertrand, a expressão da distancia será,

$$D = (+a) + (-a) = a - a = 0, \quad (2)$$

resultado que se pôde traduzir da seguinte maneira:

Quando dois trens partem de uma estação com a mesma velocidade, um para a direita e outra para a esquerda, depois de andarem um certo tempo, a distancia entre elles é nulla, isto é, os trens não andaram e ainda estão portanto na estação.

Tal é a consequencia da convenção de M. Bertrand, convenção que foi introduzida na mathematica para simplificar o resultado das operações !

Fica, portanto, claro que M. Bertrand introduzindo taes convenções na sciencia nunca pensou no sentido *directamente opposto* e só conhecia o *sentido contrario*, mas a importancia do *theorema* de Descartes está justamente em abranger casos que se podem dar, tanto nos dominios das questões geometricas como mecanicas.

Assim, devendo-se accuitar a convenção de Descartes, afim de que a linguagem algebrica possa sempre traduzir os factos correctos, e sem confusão para quem calcula, vê-se a impossibilidade de se admittir a convenção que por uma figura temos chamado de M. Bertrand.

E' por estas considerações que temos combatido a theoria moderna, na autoridade

de A. Comte, porque ella representa a harmonia entre Newton e Descartes, o que se viu ser de todo impossivel.

3. Uma vez provada a incompatibilidade da primeira convenção de M. Bertrand com o estado da sciencia, nada precisariamos dizer sobre a segunda, que é, como affirma o proprio auctor, uma consequencia muito natural da primeira. Mas é facil mostrar que pela concepção de Descartes esta convenção não pode prevalecer como uma verdade.

Com effeito, si

$$(+a) - (-b) = a + b \quad (3)$$

esta igualdade é uma identidade.

Sommando  $-b$  a ambos os termos da expressão (3), vem

$$(+a) - (-b) + (-b) = a + b + (-b)$$

ou

$$(+a) + (-b) - (-b) = a + b + (-b). \quad (4)$$

O primeiro membro da expressão (4) reduz-se evidentemente a  $+a$ , porque sommar a quantidade  $+a$  á quantidade  $-b$  e depois do resultado subtrahir  $-b$ , é o mesmo que nada sommar á quantidade  $+a$ ; o segundo membro, porém, é muito superior a  $+a$ , porque a esta quantidade se deve sommar em primeiro lugar a quantidade  $+b$  e depois ao resultado se deve sommar o valor da quantidade negativa  $-b$ , e como a somma de uma quantidade negativa não corresponde á subtração do seu valor absoluto, o segundo membro é sempre maior do que o primeiro e a expressão (4) deixa de ser uma identidade, ou a 2ª convenção não traduz uma verdade.

Assim, quer a theoria abstracta das quantidades negativas as introduza no calculo para simplificar os resultados, quer pela necessidade que tem a Algebra de manter a indeterminação necessaria das grandezas consideradas, tanto constantes como variaveis, não ha possibilidade de se aceitar uma semelhante theoria, porque deve ser traduzida como a *subordinação do concreto ao ideal*, uma vez que os symbolos que ella considera são symbolos sem significação, apesar de se dizer que representam a opposição de sentidos de que muitas grandezas são susceptiveis.

A theoria de M. Bertrand, não é mais accetável que a de A. Comte. Vimos que a theoria deste philosopho bazêa-se na indeterminação dos symbolos algebricos, enquanto que a de M. Bertrand basêa-se em convenções. Ambos são, entretanto, logicos até um certo ponto.

De facto, si este illustre mathematico diz que a introdução dos negativos no calculo é uma convenção que tem por fim simplificar os resultados, e si para este fim formulou as convenções (1) e (2), é justamente porque para M. Bertrand os numeros negativos também são uma convenção, como se pode ver em seu tratado de Algebra.

Diz o illustre autor:

« Outra convenção. Si se considerar uma differença  $(a - b)$  e si se supuzer que  $b$  é maior do que  $a$ , a operação é impossivel; convencionou-se então considerar a expressão  $(a - b)$  como representando um numero negativo igual ao excesso de  $b$  sobre  $a$ ,

$$a - b = -(b - a), \quad (3)$$

Esta convenção é muito natural; e se a não fazendo, destruir-se-ia a analogia que existe entre as operações relativas aos numeros negativos e positivos.

Designemos, com effeito por  $d$  o excesso de  $b$  sobre  $a$ :

$$a - b = a - (a + d)$$

si, pois, applicar-se a regra da subtração, ter-se-á:

$$a - b = a - (a + d) = a - a - d = -d = -(b - a)$$

Provamos assim que é natural fazer a convenção em questão, mas não demonstraremos a formula (3).

Nosso raciocinio é, com effeito, fundado sobre a applicação de uma regra de subtração que, até aqui, não tem sentido senão para as subtrações possiveis.

E' natural e commodo atender a todos os casos, mas isto não é menos arbitrario.»

E' logico, pois M. Bertrand, quando diz que a addição entre um negativo e um positivo se reduz a uma subtração, por uma simples convenção, porque já para elle os negativos representam outra convenção.

E si acha natural fazel-a, é justamente porque sua convenção tem por effeito confundir a *qualidade* expressa pelo signal — com a operação que representa a decomposição, sem o que teria dito, como já vimos antes, que na hypothese de  $b > a$ , o resultado da operação devia ser,

$$a - b = 0 - (b - a)$$

o que por certo mostra não ser natural considerar aquella subtração um numero negativo.

Considerar um negativo uma convenção, leva naturalmente a se formular as convenções (1) e (2) de M. Bertrand para simplificar os resultados, da mesma maneira porque A. Comte, esquecendo a subordinação racional dos elementos da formação  $y = a - x$  e apegando-se demoradamente á indeterminação da variavel  $x$ , e tirando daquella expressão os negativos baseados na indeterminação dos seus elementos, foi naturalmente levado a introduzir no calculo os negativos, sob o pretexto de que sem isso a algebra nunca poderia manter a indeterminação necessaria das grandezas que ella considera, tanto constantes como variaveis. E porque este philosopho, apegando-se sempre á indeterminação de taes grandezas, formulou na expressão  $y = a - x$  a hypothese de ser  $x > a$ , que é uma hypothese desregrada, é que diz que « a todo o instante seria preciso restringir, em grãos diversos e commumente inapreciaveis, as hypotheses sobre os valores ficados arbitrarios, si se recusasse admitir os resultados subtractivos tanto como os additivos.

Comte e Bertrand são logicos em suas theorias, e é por isso que ellas tiveram curso na sciencia, mas sua logica encerra no fundo muita metaphisica, como temos provado.

Feita esta ligeira analyse da concepção dos numeros negativos pelos philosophos e geometras modernos, apreciemos como ainda actualmente se effectuam as operações sobre taes numeros.

TERTULIANO BARRETO

1º Tenente de Artilharia

(Continúa)

## NO LITTORAL CATHARINENSE

A tarde esmorecia serenamente, na vastidão do céu limpido, azulado. Por traz das altas montanhas de Cubatão, de uma côr rôxa e nostalgica, com agudos pincaros em recorte, sumiam-se, escoavam-se os ultimos listrões d'ouro do occaso.

A velha fortaleza de Sant'Anna adormecia sobre as pedras, á beira d'agua. Nas muralhas denegridas, antigas peças enormes alongavam, em fileira, o pescçoço de bronze, a bocca aggressiva e temerosa, oxydada pelo tempo numa longa inacção. A um angulo, junto de uma guarita arruinada, um mastro delgado e alto sustinha tristemente, cahida ao longo da haste, a bandeira nacional, desbotada, silenciosa e murcha no abandono dos ventos.

Em baixo, o mar estendia-se, aplainado, manso, turvo, numa larga refulgencia d' aço polido.

A nordestia dura de março acalmára, depois de açoutar a costa por espaço de dias, cobrindo-a de nevoeiros.

Reinava uma grande calmaria.

Do ancoradouro da Praia de Fóra pequenas embarcações de cabotagem, arribadas alli, arrancavam ferro e proseguiram a viagem retardada, levadas pela corrente, as velas pardacentas a bater contra os mastros.

Aqui e além, como parados nas ondas, latinos claros de botes, virgulados de rizes e com as amuras recurvas, semelhavam, de longe, estranhas laminas gigantescas de foices ao alto.

De uma e outra banda do canal, sobresahindo saudosamente á distancia, no pendor das encostas, ou na linha rasa das planicies, brancuras de casas, denunciando os povoados — S. Miguel, Biguassú, Sambaqui, Gacopé.

Alvuras de praias desenrolavam-se, norte-sul, como fitas brancas debruando as enseadas. Entre pontas, distante, a barra: ilhas mal distinctas já no crepusculo, a vastidão das aguas atlanticas.

E sob a luz violacea e melancolica da hora, em meio ao Taboleiro, desenhando-se á claridade poente, uma enorme barca, com o panno todo largo; sahindo lentamente para o norte, em lastro, na maré da vasante.

VIRGILIO VARZEA